



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

ELIAEL SMITH ALVES SILVA

**VIVÊNCIAS DE DOCENTES HOMOAFETIVOS NO AMBIENTE
ESCOLAR: um estudo no município de Jacareacanga – PA**

Itaituba- PA

2021

ELIAEL SMITH ALVES SILVA

**VIVÊNCIAS DE DOCENTES HOMOAFETIVOS NO AMBIENTE
ESCOLAR: um estudo no município de Jacareacanga – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado Pleno em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Ma. Elines dos Santos Batista

Itaituba-PA

2021

ELIAEL SMITH ALVES SILVA

**VIVÊNCIAS DE DOCENTES HOMOAFETIVOS NO AMBIENTE
ESCOLAR: um estudo no município de Jacareacanga – PA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de Itaituba para obtenção do título de
Licenciado Pleno em Pedagogia.
Orientadora: Prof.^a Ma. Elines dos Santos Batista

BANCA EXAMINADORA

Presidente/orientadora: _____ Nota: _____
Prof.^a Ma. Elines dos Santos Batista

Avaliador(a) 1: _____ Nota: _____
Prof.^a Ma. Mara Aparecida Pereira do Nascimento

Avaliador(a) 2: _____ Nota: _____
Prof. Esp. Edilane Melo da Silva

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba – PA, 10 de fevereiro de 2021.

Yo

Essa daqui é praquelas gay

Que no prézinho já sabia que era gay

A criançada apontava: "Cê é muito gay"

Já brincava com as barbie "Teu filho é gay, eu bem que te avisei"

É praquelas gay que num sabia bem porque era ruim ser gay

Sentiu na pele bem cedo como tratam as gay

Já brigou com Deus "por quê me fizeste gay?", queria ser alguém

Já não temas, gay

Aquilo que não mata fortalece um gay

Sente o quanto te empodera ter nascido gay

Em teus olhos um espelho onde eu me enxerguei

É que eu também sou gay

E levante, gay

Que a luta ainda não acabou pras gay

Que a nossa vitória vai ser o close, gay

E que se eu tô aqui hoje dando voz pras gay é por ser

Gay

(Gloria Groove).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus** por me sustentar e me dar forças para que eu nunca tivesse desistido, pois ele com sua grandeza me deu forças para chegar até aqui, enfrentando todos os obstáculos durante essa grande e longa jornada. Não é fácil, mas ele me concedeu o poder da vitória e hoje estou colhendo os frutos através das dificuldades que passei durante todo esse período.

Em especial gostaria de agradecer imensamente minha mãe, **Maria da Glória Alves de Oliveira**, pois se não fosse o seu apoio hoje não estaria aqui fazendo esses agradecimentos, ela foi essencial na minha jornada acadêmica me dando estabilidade tanto financeira como emocional. Quero deixar aqui minha gratidão eterna por acreditar em mim, no meu potencial como pessoa. Hoje posso dizer que tudo valeu a pena, pois tudo que fiz foi para dar um pouco de orgulho para ela.

À alguns membros da minha família que no começo de tudo me ajudaram muito, meus tios **Reginaldo e Zé**, minhas tias **Cátia e Regina** a prima **Elis Regina**, à vocês minha gratidão e admiração por serem essas pessoas maravilhosas que foram comigo durante esses anos.

Ao meu esposo **Alecsandro**, que conheci no final da minha vivência acadêmica, mas fez uma diferença incrível na minha formação acadêmica e pessoal, me ajudando e me incentivando no decorrer dos dias deixo aqui meus agradecimentos.

Aos docentes da Faculdade de Itaituba, agradeço a contribuição de cada um que me ajudou indireta e diretamente na minha vida acadêmica, o empenho e a confiança que ajudaram a tornar possível este sonho tão esperado. A Faculdade de Itaituba e a toda sua direção, deixo aqui minhas palavras de agradecimentos por todo o ambiente inspirador e pela oportunidade de concluir este curso.

À minha amada e admirável orientadora **Elines dos Santos Batista**, por toda sua paciência e dedicação, mesmo com tantos afazeres tirava sempre um tempo para me auxiliar me dando direcionamentos para o meu sucesso nesse processo de Trabalho de Conclusão de Curso, deixo aqui meus sinceros agradecimentos.

Por fim, mas não menos importante a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram direta e indiretamente, para que meu percurso fosse alcançado com glória, eu agradeço de todo coração.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo geral analisar as dificuldades do professor, cuja orientação sexual não está de acordo com o padrão social. Apresentando como Tema: VIVÊNCIAS DE DOCENTES HOMOAFETIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR: um estudo no município de Jacareacanga – PA. Buscou-se responder as seguintes questões norteadoras: Como a sociedade percebe o professor com orientação sexual diferente do padrão social? Quais as dificuldades que o profissional homoafetivo enfrenta para conseguir um espaço no âmbito educacional? Qual o olhar que a comunidade escolar tem sobre os docentes homoafetivos? O estudo teve como base uma abordagem qualitativa, com pesquisa descritiva e exploratória, e pesquisa de campo, sendo utilizado questionário como instrumento de coleta de dados. Para a fundamentação teórica utilizou-se a pesquisa bibliográfica. Segundo as respostas dos professores participantes da pesquisa, ser professor (a) abertamente homoafetivo é extremamente desafiador, pois o mesmo carrega consigo o peso de ser abertamente gay ou lésbica, podendo assim ser discriminados perante a sociedade. Vale ressaltar que o docente homoafetivo, ou qualquer outro profissional de educação que não se enquadre nos aspectos normativos pré-estabelecidos pela sociedade tradicional, acaba sofrendo por vários fatores, desde frustrações até medos que são levados pelo preconceito e intolerância.

Palavras-chaves: Desafios. Professor Homoafetivo. Preconceito.

ABSTRACT

The present work has as a general objective to analyze the difficulties of the teacher, whose sexual orientation is not in accordance with the social standard. Presenting as Theme: HOMOAFECTIVE TEACHERS' EXPERIENCES IN THE SCHOOL ENVIRONMENT: a study in the municipality of Jacareacanga – PA. We sought to answer the following guiding questions: How does society perceive the teacher with a sexual orientation that is different from the social standard? What are the difficulties that the homo-affective professional face to get a space in the educational sphere? What is the view that the school community has on homo-affective teachers? The study was based on a qualitative approach, with descriptive and exploratory research, and field research, using a questionnaire as an instrument for data collection. For the theoretical foundation, bibliographical research was used. According to the responses of the professors participating in the research, being an openly homo-affective teacher is extremely challenging, as it carries with it the weight of being openly gay or lesbian, and can therefore be discriminated against in society. It is noteworthy that the homo-affective teacher, or any other education professional that does not fit into the normative aspects pre-established by traditional society, ends up suffering for various factors, from frustration to fears that are driven by prejudice and intolerance.

Keywords: Challenges. Homo-affective teacher. Preconception.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais ou Transgênero, Queer, Intersexo, Assexual,+ abriga todas as diversas possibilidades de orientação sexual.

SECAAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.

ONU - Organizações das Nações Unidas.

PPP - Projeto Político Pedagógico.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - O ponto de vista dos professores sobre qual a visão a comunidade escolar tem do professor (a) cuja sua orientação sexual é diferente do padrão social.....	51
Quadro 2 - O professor (a) que assume sua orientação sexual ou identidade de gênero sofrem algum preconceito ou discriminação no convívio escolar?.....	52
Quadro 3 - Como a sociedade percebe o professor com orientação sexual diferente do padrão social.	53
Quadro 4 - Opinião referente às dificuldades enfrentadas pelo professor (a) cuja sua orientação sexual não está de acordo com padrão social.....	54
Quadro 5 - Se em algum momento o seu trabalho como docente foi associado a sua orientação sexual com as suas atividades pedagógicas.	55
Quadro 6 - Se a escola desenvolve alguma atividade acerca da compreensão e o respeito da diversidade relacionada à orientação sexual.	56
Quadro 7 - Se em seu ambiente de trabalho eles poderiam falar abertamente sobre sua orientação sexual.	57
Quadro 8 - Opinião dos professores no que a escola pode fazer para amenizar o preconceito e intolerância contra professores foram do padrão social.....	58
Quadro 9 - Qual o comportamento do aluno com o professor (a) que é homoafetivo.....	59
Quadro 10 - Qual o relacionamento e visão dos pais com o professor (a) que é homoafetivo, e se eles percebem algum preconceito ou dificuldade de aceitação. ...	60

LISTA DE FIGURA E TABELAS

Figura 1 - Foto aérea da cidade de Jacareacanga.....	44
Tabela 1 - Gênero e faixa etária e tempo de atuação como professor (a) da educação dos participantes da pesquisa.	49
Tabela 2 - Tempo de atuação como professor (a) da educação dos participantes da pesquisa.....	50
Tabela 3 - Escolaridade e Área de Formação dos participantes da pesquisa.....	50

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.1 A SEXUALIDADE E A IDENTIDADE DE GÊNERO	15
1.2 CONCEPÇÕES QUANTO A GÊNERO, CULTURA E EDUCAÇÃO	17
1.3 A ESCOLA E A QUESTÃO DE GÊNERO	20
1.4 PADRÕES TRADICIONAIS DA SOCIEDADE E A ORIENTAÇÃO DE GÊNERO NA ESCOLA.....	23
2 PROFESSORES HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS FRENTE A COMUNIDADE ESCOLAR	27
2.1 A DIFERENÇA E A DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO	29
2.2 O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES	33
2.3 PRINCIPAIS DIFICULDADES DA INSERÇÃO OU CONTRATAÇÃO DO PROFESSOR HOMOSSEXUAL	36
2.4 CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NO ENTENDIMENTO E DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO E RESPEITO	40
3 VIVÊNCIAS DE DOCENTES HOMOAFETIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE JACAREACANGA – PA.....	44
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA	44
3.2 METODOLOGIA UTILIZADA	47
3.3 ANÁLISE DOS DADOS.....	49
3.3.1 Percepções dos professores homoafetivos	49
3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	61
CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS.....	63
APÊNDICE - QUESTIONÁRIO AO PROFESSOR	11

INTRODUÇÃO

Desde a infância o ser humano passa por um processo de internalização referente à construção de gênero. Neste período verificam-se divisões entre comportamentos considerados femininos e masculinos, o que fica bastante evidente nas brincadeiras, brinquedos, e hábitos que são impostos às crianças a partir do momento que elas ingressam na sua primeira jornada no seu processo de ensino-aprendizagem.

Sabendo disto, se dá importância sobre a reflexão de como os padrões comportamentais estão mantidos até hoje, ainda que de maneira mais velada, pois assim como a comunidade, as instituições passam por mudanças com o decorrer do tempo. Porém, muitas condutas ainda estão presas nos manuais e livros de bons comportamentos dos séculos passados e, com isso, o processo de ensino-aprendizagem ainda está pautado no controle dos corpos, impondo uma série de hábitos, costumes e comportamentos considerados adequados a cada indivíduo.

Isto reflete também no trabalho e na vivência do professor homoafetivo, que dentro da diversidade sexual, tal como os grupos de gays, lésbicas, travestis e transexuais, são vítimas de preconceitos e discriminações, devido a sua orientação sexual, que perpassa de décadas atrás até os dias de hoje.

Até por volta dos anos 2000, pouco se via de discussão sobre temas voltados para diversidade sexual e de gênero, relacionados à educação tendo assim pouca visibilidade científica e acadêmica no Brasil. No que se refere à questão (homo)sexualidade de professores e professoras da Educação Básica pode-se dizer que se trata de um assunto ainda pouco presente nas pesquisas acadêmicas (SILVA, 2016).

Neste sentido, este trabalho teve como objetivo identificar quais as dificuldades vivenciadas por professores¹ homoafetivos no âmbito escolar, assim como verificar se a escola desenvolve algum trabalho voltado para diversidade, principalmente no que diz respeito à orientação sexual. Para compreender de maneira mais ampla esta temática, foram levantados os seguintes questionamentos: Como a sociedade percebe o professor com orientação sexual diferente do padrão social? Quais as dificuldades que o profissional homoafetivo enfrenta para conseguir um espaço no âmbito educacional? Qual o olhar que a comunidade escolar tem sobre os docentes homoafetivos?

Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso buscou relacionar teoria e prática vivenciadas por estes docentes no espaço escolar do município de Jacareacanga-PA. Assim, justifica-se sua relevância desse trabalho, pela necessidade de pesquisa do tema abordado partiu do objetivo de compreender e problematizar aspectos da constituição identitária de professores/as que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero. Tendo em vista que a homossexualidade ou identidade gênero de docente que atuam nesta área sempre foi um assunto tabu para a sociedade perante aos aspectos históricos, social, político e cultural da profissão docente.

Para o desenvolvimento do referente estudo, foi realizada uma pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa e pesquisa de campo com aplicação de questionários para coleta de dados, junto aos cinco docentes homoafetivos que atuam no município de Jacaréacanga - Pará.

Este trabalho está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta os aspectos gerais e conceituais acerca de gênero, sexualidade e direitos humanos. No segundo é abordado sobre os professores homoafetivos e suas vivências frente a comunidade escolar e, no terceiro capítulo aborda a caracterização do local de pesquisa, a metodologia e a análise e discussão dos dados.

1 ASPECTOS GERAIS E CONCEITUAIS ACERCA DE GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS

Desde a infância o ser humano passa por todo um processo de internalização referente à construção de gênero. Neste período, verifica-se divisões entre comportamentos considerados femininos e masculinos, isto fica bastante evidente nas brincadeiras, brinquedos e até mesmo hábitos que são impostos as crianças a partir do momento na qual elas ingressam em sua primeira jornada no seu processo de ensino-aprendizagem sobre o mundo e sua relação com a sociedade.

A sexualidade tem sido entendida e descrita de forma bastante distinta e conflituosa, principalmente no que se refere ao meio educacional, onde existem diversas culturas e hábitos diferentes de acordo com cada pessoa, sendo assim dar-se a importância de embasar as diferenças entre sexualidade e identidade de gênero e direitos humanos (OLIVEIRA, 2016).

O termo gênero por muitos anos foi utilizado apenas para distinguir o feminino do masculino, levando em conta apenas a genitália e cromossomos expressos em seus órgãos (masculino e feminino). Portanto somente, a partir da década de 40, com os movimentos feministas isso veio mudando e passando a ser alvo de questionamentos e debates acerca do termo gênero (OLIVEIRA, 2016).

No entanto, é no interior do feminismo que a categoria gênero passou a ser pensada de outra forma, como instrumento de análise para apontar as diferenças e hierarquias entre homens e mulheres e também para desnaturalizar os próprios gêneros das pessoas (COLLING, 2018, p. 22).

Desta forma, a autora cita que o termo gênero não foi criado pelo feminismo, e sim discutido e revigorado, tirando os estereótipos que a sociedade colocou com passar do tempo, pois o gênero de cada pessoa pode não ser de acordo com o que foi predestinado a tal sujeito em seu nascimento, o modo de agir de cada gênero foi historicamente enraizados, ou seja, se você nasce com genitália masculina, o modo de agir tem que ser grotesco ou até mesmo violento, e se você nasce mulher tem que "agir como mulher".

O conceito de gênero não ingressou no feminismo sem um estudo, debates e controvérsias, que a rigor permanecem até nos dias atuais, pois até hoje este assunto é algo muito complexo, que necessita ser discutido e foi através destes

debates e questionamentos que o termo gênero e sexualidade foram dados como distintos, levando-os em conta as diferenças que cada um tem.

O gênero de um indivíduo é erroneamente utilizado em referência ao sexo biológico, o que é totalmente equivocado, pois o gênero de um indivíduo está ligado aos aspectos sociais atribuídos a tudo aquilo que foi definido ao longo do tempo de vivência de cada pessoa, como afirma Oliveira (2016, p. 14):

A sexualidade se faz presente em todo o desenvolvimento físico e psicológico dos indivíduos, manifestando-se desde o seu nascimento até o momento da sua morte. Assim sendo, a sexualidade vai além do ato sexual em si, pois se encontra marcada pela história, cultura e ciência, igualmente como os afetos e sentimentos de cada sujeito.

Deste modo, compreende-se que a sexualidade de um indivíduo remete a um universo onde tudo se torna relativo, e algo extremamente pessoal que é adquirido diferentemente em cada pessoa, de acordo com a realidade e as experiências vivenciadas pelo mesmo, independente do gênero do qual a pessoa se identifica.

Vale ressaltar que a opção sexual de uma pessoa às vezes é confundida com o conceito de sexualidade com o do sexo propriamente dito. Pois ambos não precisam necessariamente vir acompanhados um do outro, a sexualidade é uma característica geral vivenciada por todo ser humano, e não se encaixa apenas no ato sexual e sim na descoberta dos prazeres que cada pessoa se identifica.

Pode-se dizer que a luta pelos direitos humanos tem sido protagonizada pela busca da afirmação da igualdade entre todos os seres humanos. O primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) afirma que: Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos e, dotados que são de razão e consciência, devem comportar-se fraternalmente uns com os outros (VASCONCELOS, 2016, p. 7).

De acordo com autor, as lutas por direitos, como um todo, têm tomado cada vez mais força, sejam eles quais for, pois cada pessoa tem o livre arbítrio de fazer suas escolhas de acordo com o que se identificam e se sintam bem, por tanto este direito é ofertado e assegurado pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, buscando a liberdade de cada indivíduo, visando sempre a interação social e um bom convívio entre todos.

Vive-se atualmente em um país pluralizado, onde cada indivíduo possui características distintas sejam elas culturais, crenças ou hábitos, sendo assim, a

busca por direito e fundamental para viver em sociedade e harmonia diante da diversificação encontrada no meio social.

Nesse sentido, a problemática dos direitos humanos, muitas vezes entendidos como direitos exclusivamente individuais e fundamentalmente civis e políticos, se amplia. Cada vez mais se afirma a importância dos direitos coletivos, sociais, econômicos, culturais e ambientais. E, neste movimento, questões relativas à diversidade vêm adquirindo cada vez maior relevância (VASCONCELOS, 2016, p. 8).

A busca por debater e entender a diversidade se tornou um assunto cada vez mais relevante, em razão do momento em que o país vem passando, onde os índices de violência e manifestações preconceituosas contra pessoas que apresentam diferenças sociais estão cada vez maiores, os debates levam informação para a sociedade, e tais informações buscam modificar o conceito que a sociedade tem em relação às pessoas que fogem do padrão normativo.

1.1 A SEXUALIDADE E A IDENTIDADE DE GÊNERO

A questão que envolve o tema acerca de sexualidade e identidade de gênero sempre foi algo que despertou muitas curiosidades, como as pessoas se relacionam e com qual gênero, entre outros. Porém, por muito tempo e até hoje é um assunto considerado tabu para muitas pessoas que por alguma razão preferem fugir desses assuntos.

Falar sobre essas questões nos dias atuais (sexo, gênero e orientação sexual) além de possibilitar debates, desmitifica preconceitos e paradigmas servindo como orientação e informação para a sociedade. Pois na cabeça de muitas pessoas a um imaginário acerca do tema que são mitos e inverdades, por isso a importância de saber o que realmente essas questões trazem para sociedade. Para entender a ampla diversificação da sexualidade humana é preciso conhecer a diferença entre dois termos essenciais: gênero e orientação sexual.

Há muito tempo, a questão da sexualidade deixou de ver apenas o que é masculino e feminino, a dicotomia homem e mulher, a ciência, a evolução das sociedades e a própria complexidade do ser humano trouxe à luz a necessidade de ser o que se é, a busca pela satisfação dos seus desejos e a necessidade de ser livre para amar a quem quiser (MELO, 2018, p. 3).

Mediante o exposto, a autora cita que as questões acerca da sexualidade vêm sendo revigorada com passar do tempo, tendo assim outras particularidades que não seja apenas onde o masculino e feminino não são necessariamente vinculados ao sexo (genitália masculina e feminina). E a partir dessa nova visão as proporções ligadas à sexualidade passaram a ser mais amplas.

Os debates e discussões levaram a entender que a sexualidade de um indivíduo vai muito além de ser “homem” ou ser “mulher” e sim das suas condutas e atração sexual, se o indivíduo se dirigir a alguém do mesmo sexo denomina-se de orientação homossexual, se ao contrário, a alguém do sexo oposto denomina-se heterossexual, se pelos dois sexos, de bissexual. Desse modo a orientação sexual esta relacionada ao desejo ou atração que cada um tem pelo mesmo sexo ou pelo sexo oposto ou por ambos (MELO, 2018).

Entende-se por gênero os traços de masculinidade e de feminilidade encontrados em uma pessoa, os gostos, a forma de falar e de se vestir, esses traços socialmente definidos tem influência direta na questão do gênero. Em outras palavras, quando reagimos a alguém como masculino ou feminino, não precisamos necessariamente ver se ele/ela tem pênis, vagina ou seios, é a forma de se comportar socialmente que nos dá essa percepção, assim o gênero é um fato visível a maior parte do tempo, o sexo não (MELO, 2018, p. 3).

Dessa forma, pode-se dizer que a identidade de gênero de uma pessoa não está relacionada à genitália e sim aos traços encontrados em cada pessoa e socialmente vivenciados por cada um, ou seja, a identidade de gênero é reconhecida por cada um, com base em suas vivências e vontades despertadas em seu corpo, por exemplo, um homem que nasceu com genitália masculina pode se descobrir uma mulher transexual (uma pessoa que não se identifica com sexo que lhe foi atribuído durante o nascimento), de acordo com sua vivência e vontades que foram despertadas com passar do tempo, assim como pode acontecer o mesmo com uma mulher que pode se descobrir um homem transexual.

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual (MELO, 2018, p. 11).

Por conseguinte, a autora ressalta que sexualidade e identidade de gênero não tem o mesmo ligamento, assim como uma não depende da outra para uma

peessoa conseguir se relacionar com outra, pois a sexualidade esta ligada a afetividade que cada uma tem pela outra independente do gênero as quais se identificam. Portanto gênero se refere aquilo na qual cada um se identifica e sexualidade ou opção sexual se refere a quem as pessoas se relacionam afetivamente.

1.2 CONCEPÇÕES QUANTO À GÊNERO, CULTURA E EDUCAÇÃO

A educação brasileira tem passado por diversas mudanças ao longo do tempo, mudanças essas que são ocasionadas pela grande massa de pessoas diferentes que convive no ambiente escolar, por sua vez a há uma grande quantidade de escolas no país que não se atentam a essas diferenças entre o público que atende.

Historicamente, a escola sempre foi marcada por diferenças e desigualdades. Começando pelas restrições impostas a seu acesso, especialmente no início do processo de escolarização da sociedade, passando também pelas suas normas, que implicavam em separações, distinções e desigualdades, que se refletiam não apenas no contexto escolar, mas na sociedade como um todo (BRITO, 2014, p. 8).

Dessa maneira, constata-se que ter acesso à escola, nunca foi acessível para todos, há uma grande quantidade de pessoas que estão fora do âmbito escolar, e são parte de uma minoria que por algum motivo não passam pelo portão da escola. A desigualdade por gênero, raça, etnia e classe, são alguns dos grandes pressupostos para manter essas pessoas longe do ambiente escolar.

A educação é direito de todos, porém a realidade do lado de dentro é bem diferente, a escola passa a ser um terreno de desigualdade e de normas que a sociedade historicamente impõe para que as pessoas possam se encaixar ao meio, normas que são impostas desde o primeiro contato com o processo de escolarização, e que por esses motivos afastam muitas pessoas de usufruir o direito à educação.

Partindo-se do princípio de que as identidades são construídas culturalmente, torna-se fundamental compreender o papel que a escola, enquanto espaço importante de formação, de transmissão, reprodução e produção do saber científico e cultural, desempenha na construção dessas múltiplas identidades (BRITO, 2014, p. 9).

Deste modo, em concordância com o que foi citado acima, a escola tem um papel de suma importância no processo de escolarização de cada um, pois a escola passa ser um órgão transmissor de conhecimentos e de formação do pensamento crítico do indivíduo, tendo o dever de enfatizar durante todo o processo educativo sobre as diferentes identidades que a sociedade possui.

Mostrando que se vive hoje, em um país pluralizado, ou seja, um país que possui muitas diferenças, e que uma dessas diferenças possa ser a cultural ou de gênero, esses assuntos são muito atuais e conflituosos, porém o educandário que for tratar de tal assunto deve saber como lidar com seu público de forma sutil e objetiva para que os educandos entendam.

Sendo assim, compreende-se que cultura e gênero são duas esferas diferentes, mas que andam lado a lado quando se trata do meio social onde vivemos e principalmente quando esta relacionada à educação, pois cada pessoa tem culturas diferentes e possuem gêneros diferentes, e cabe a cada educador saber como lidar com tais diferenças dentro do ambiente escolar, buscando compreender as diferenças e mostrando para seus alunos o quão normal são essas situações no meio em que vivem.

É a partir das relações de poder que se estabelecem em diferentes espaços de formação do sujeito, inclusive na escola, que a identidade de gênero se constitui e este processo, inevitavelmente, ocorre na articulação com outras representações, tornando instituições como a escola lócus onde as divisões de raça, classe, etnia, sexualidade e gêneros se apresentam implicadas e historicamente afirmadas (BRITO, 2014, p. 9).

De acordo com autor, infelizmente essas divisões são vistas frequentemente, e são passadas despercebidas por muitas instituições de ensino, pelo fato de não ser algo novo, e sim situações que vem acontecendo há muito tempo atrás. Existem instituições que fecham os olhos para estas desigualdades, pois é mais conveniente fingir que desigualdade não acontece ou não existe.

Situações como essas hoje em dia são naturalizadas, tendo pouca visibilidade, em que a falta de oportunidade para pessoas com gênero ou de cultura diferentes são vistas como algo "normal" perante a sociedade escolar, assim, as discussões acerca desses temas são muitas vezes veladas para que não tenham espaço a ser discutido. A identidade de gênero de uma pessoa é indiscutivelmente

um tabu na sociedade, falar de gênero ou sexualidade ainda é visto como algo pecaminoso por uma boa parte da sociedade (OLIVEIRA, 2016).

Deste modo, tais assuntos quase nunca são discutidos diretamente em sala de aula, mas a importância de conversar sobre educação sexual e cultural é grandiosa, porém é um assunto pouco falado por conta do padrão social que acaba prejudicando o acesso à informação dentro do ambiente escolar, seja em qualquer modalidade de estudo, da educação infantil até o ensino médio, e por conta disso desacelera o processo de conhecimento de cada aluno.

Não esquecendo que as condutas e práticas escolares são um elemento que fazem parte do processo educativo que destinam a igualdade ressaltando as diferenças, tornando-se um aparato para o não enquadramento de padrões que se tornam empecilhos para muitas pessoas não terem acesso à educação.

As questões culturais dentro do ambiente escolar ao contrário da questão sexual e de gênero, por sua vez é bem mais pautada dentro das escolas por ser algo hierarquizado, da qual as pessoas sentem mais liberdade em falar abertamente e ser um assunto muito mais “simples” para se socializar, porém isto não deixa de ser uma questão menos importante, pois há um grande índice de pessoas que sofrem com preconceito dentro do ambiente escolar sejam elas professores ou alunos (BRITO, 2014).

Observa-se, portanto, que o preconceito por religião, raça, cor de pele, orientação sexual e entre outros, são vivenciados todos os dias por milhares de pessoas, ainda que vista de maneira natural por muitas instituições, é algo muito relativo que necessita de uma atenção especial, as diferenças de culturas é algo que inevitavelmente não poder ser colocado de lado e sim discutidos cada vez mais pelas instituições, buscando sempre um bom convívio entre pessoas que são diferentes umas das outras.

De tal modo, as práticas pedagógicas e o modo de lidar com essas situações é algo a ser discutido, pois a forma de agir em situações de preconceito e discriminação é de suma importância, a maneira de se posicionar em situação de como essas deve ser colocado em pauta para garantir o profissional o modo certo de como agir.

1.3 A ESCOLA E A QUESTÃO DE GÊNERO

A questão de gênero discutida neste estudo é bastante recente, porém vive-se em tempos que tudo se toma uma proporção enorme, diante disto ressalta-se a importância de discutir a questão gênero e escola, pois existe a necessidade de troca de informações e diálogo para que haja uma melhora no convívio social.

Carro e boneca, lacinhos e chapéu, azul e rosa, são elementos que historicamente foram e são usados como antônimos para distinguir meninos e meninas sexo masculino e feminino. E com isso muitas pessoas passam a vida presas nesses manuais na qual crescem e convive com elas, o que é de 'menino' e o que é de 'menina' é colocado a partir do primeiro momento na qual ingressam na vida escolar, perante isso há uma necessidade de desconstrução acerca de tal fato (LEAL, 2017).

A discussão sobre gênero nas escolas não pode se manter apenas nas salas de professores ou no compartilhamento de situações inesperadas em sala de aula entre os educadores, o tema vai muito além dos muros escolares e deve ser tratada com as famílias e com toda a comunidade, desvendando tabus e esclarecendo posicionamentos e construções de conceitos equivocados (ALMEIDA, 2016, p. 6).

Conforme o autor acima, a questão de gênero no ambiente escolar precisa urgentemente sair das partes vedadas do ambiente escolar, e tomar uma proporção da qual merece ser tomada. A necessidade de falar das diferenças e de extrema importância, pois a falta de informação e de pessoas leigas a tal assunto remete a preconceitos e atrocidades cometidas contra estas pessoas sejam alunos ou professores que tem a identidade de gênero diferente das demais pessoas.

O diálogo entre famílias e a instituição escolar abordando temas como, orientação sexual, identidade gênero e etc. Nos dias atuais era para ser algo natural. No entanto, é algo totalmente relacionado como tabu entre ambos, tornando assim uma sociedade leiga e mal informada perante as questões atuais, como citado acima.

O Brasil segundo a ONU (Organizações das Nações Unidas) é o país que mais mata gays, lésbicas e transgênero no mundo, sendo assim campeão mundial de mortes, estando dentro delas o grupo de professores LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais ou transgênero, Queer, intersexo, assexual,+ abriga todas as

diversas possibilidades de orientação sexual). O que leva ao fato de que, se as instituições de ensino colocassem em prática e desenvolvessem estratégias pedagógicas esse indicia diminuiria, pois, a falta de informação leva a estes fatos (OLIVEIRA, 2016).

Podemos dizer que não se trata de algo a ser imposto nem combatido e sim dialogado, longe do tradicionalismo e de dogmas religiosos, não levantando nenhuma bandeira, mas buscando a disseminação de informação clara e construtiva (ALMEIDA, 2016, p.6).

Neste sentido, Almeida (2016) afirma que a questão de gênero não pode ser tida como algo a ser combatido, e sim dialogado, pois através do diálogo e informações trocadas, as opiniões e achismos das pessoas são desconstruídas e revigoradas mudando os pensamentos errôneos que muitas pessoas têm sobre tal.

Outro ponto a ser observado é a questão religiosa juntamente com a questão de gênero dentro do ambiente escolar, visto que são temas bem delicados a ser apresentados e dialogados, pois os princípios que cada religião transmite, geralmente, é diferente uma das outra, observando que há uma barreira entre essa vertente “religião e identidade de gênero”. Algumas religiões veem essas questões como algo pecaminoso e fora do comum para eles, naturalmente professores e alunos que fogem do padrão da qual estão acostumados, são vistos como pecadores e abominam a sua existência (OLIVEIRA, 2016).

Existem muitos profissionais da educação que se deparam com situações em que no seu ambiente de trabalho encontram alunos de religiões e identidade de gênero diferentes dos tradicionais, e que ficam à mercê de tal situação, pois não sabem como se posicionar, por isto dar-se a importância de debates entre professores, diretores, secretários e todo o corpo profissional de uma instituição, abordarem temas como orientação sexual e identidade de gênero, não levantando nenhum tipo de bandeira e sim buscando um bom convívio entre toda a comunidade escolar, além do respeito ao ser humano.

O ambiente educacional deve ser propício e ideal à formação de crianças, adolescentes e jovens não apenas para exames seletivos ou para o mercado de trabalho, ao aluno é necessária uma formação antes de tudo, como cidadão pleno de seus direitos e deveres, que saiba conviver em sociedade no respeito ao outro como igual (ALMEIDA, 2016, p. 8).

Nesse sentido, o autor citado acima considera que, um ambiente educacional não pode ficar preso apenas em formação do ser alfabetizado, já que vai muito além de aprender a ler e escrever, as escolas devem preparar jovens e adolescentes a conviver em harmonia sabendo lidar com as diferenças, sejam elas quais forem respeitando o próximo sabendo os seus deveres como cidadão.

A educação no Brasil tem muito a crescer mediante as estas questões, a partir do momento em que as instituições olharem mais a fundo e perceberem a proporção que tem, a educação brasileira tem muito a ganhar, pois as pessoas sabendo lidar com diferenças levando informação aos seus ouvintes e buscando a igualdade no ambiente educacional, essas questões vão passar a ser ouvidas e esclarecidas tendo assim uma visibilidade que ainda não tem (OLIVEIRA, 2016).

Há pessoas que colocam toda responsabilidade na família, porém não acontece bem assim, assuntos como este na qual estar abordando é bem difícil de lidar, e quase nunca dialogado em escolas, e não é diferente dentro das casas das famílias brasileiras. Pois, há uma barreira muito grande quando diz respeito ao gênero de alguém, por ser algo muito relativo e pessoal.

Portanto, existe grande necessidade das instituições procurarem uma forma de buscar as pessoas que fazem parte desse grupo para o meio social, pois algumas delas acabam se fechando por medo de sofrer preconceitos, bullying dentro da escola e auto aceitação, em alguns casos levando a suicídio dessas pessoas.

Sabemos que há dificuldades para se trabalhar certos temas dentro da escola, como o gênero, pois pode ocasionar opiniões divergentes e até mesmo o risco de exposição de algum aluno. Mas na falta desses diálogos alguns problemas também podem aparecer como a indisciplina e a exclusão escolar, portanto, é de suma importância saber que o papel do professor perante a questão de gênero é altamente insubstituível, pois é ele que consegue subsidiar a construção de pensamentos e relações entre os alunos (LEAL, 2017, p. 6).

Conforme o trecho apresentado verifica-se que a relevância de ser falar temas atuais dentro da sala de aula, porém com muita cautela e eficiência na hora de expor tais colocações, sem expor nenhum aluno e nem o constranger, pois uma vez que existe uma sala de aula, esta comporta pessoas diferentes umas das outras.

De tal modo, o professor tem um poder muito grande quando se trata de subsidiar assuntos em sala de aula, portanto este profissional não pode levar isso

para um lado negativo, e sim de uma forma que lhe favoreça no seu trabalho docente, expondo sempre os fatos com delicadeza, cautela e bem objetiva. Levando informação para o seu alunado e livrando de qualquer pensamento preconceituoso ou conflituoso.

A falta de diálogo dentro do ambiente escolar hoje em dia se tornou algo banal, todas as questões que remetem a assuntos peculiares e complexos passam batido diante esses profissionais. Dando mais força para que o país seja um lugar onde a intolerância e o desrespeito são muito grandes, fatores ocasionados pela falta de diálogo e de informação adequada.

A educação de igualdade e respeito para crianças reflete em adultos e em sociedades menos preconceituosas, menos violentas e hierárquicas. Meninos e meninas que são ensinados a respeitar, tratar e conviver entre si sem distinção desde pequenos, em seus primeiros anos escolares, tendem a aglutinarem isto a seus comportamentos e conceitos naturalmente, assim como o contrário acontece historicamente (ALMEIDA, 2016, p. 9).

As colocações do autor conduzem a uma percepção que, se a igualdade e respeito às diferenças fossem embasadas nas escolas a partir do seu ingresso, tudo seria diferente nos dias atuais. Se as crianças quando pequenas fossem ensinadas periodicamente que o mundo é composto por pessoas diferentes umas das outras, isso seria naturalizado quando adultos.

Os primeiros passos no ambiente escolar de uma criança, e predominante para seu crescimento e para sua fase adulta, tal que lhe é ensinado todos os princípios éticos e morais para conviver em harmonia, irão saber e adequar a qualquer situação ou diferenças.

Portanto, o processo educacional acerca de debates sobre temas como gênero, necessita de um avanço muito grande quando está referida a igualdade e respeito às diferenças, porém se cada profissional fizer seu papel enquanto educador isso tende a mudar o mais breve possível.

1.4 PADRÕES TRADIÇÃOAIS DA SOCIEDADE E A ORIENTAÇÃO DE GÊNERO NA ESCOLA

Falar sobre o tradicionalismo nos dias atuais é algo muito comum, no entanto é novo quando está relacionado à identidade de gênero, e tal questão do

tradicionalismo acerca deste tema é colocada em pauta dentro do ambiente escolar em que diversas vezes apenas para dar ênfase ao educando como era a relação entre “aluno e professor” “professor e aluno” (SILVINO, 2017).

Portanto, vale ressaltar que o tradicionalismo é um dos principais pilares para que haja um bloqueio do que é “novo” ou “diferente” dentro do ambiente escolar, o tradicionalismo dentro da escola é algo comum, mesmo que de uma forma mais sutil diferentemente do que era há alguns anos atrás, ainda que o tradicionalismo tenha de alguma forma acabado, nos dias atuais isso ainda reflete como sombra do que era antigamente.

Assim, desde cedo, a escola, juntamente com a família, igreja etc, são lugares ou espaços de convivência e interações dos indivíduos em sociedade. A educação tradicional na qual convivemos, separa e cria distinções entre meninos/meninas, rapazes/moças, através de ações, atividades, formas de se comportar e “ditam regras” baseadas em padrões estabelecidos pela ordem dominante (SILVINO, 2017, p. 3).

A partir deste núcleo de pensamento de Silvino constata-se que o tradicionalismo sempre existiu e ainda existe, e por conta desses aspectos tradicionais houve uma separação referente ao gênero de cada pessoa, criando distinções do que é feminino do que é masculino. Ou seja, padrões pré-estabelecidos no que diz respeito ao homem e diz respeito a mulher, principalmente no convívio escolar onde as pessoas estão sempre expostas a julgamento de outras pessoas a partir de seus modos e comportamentos.

Se hoje um homem tem características padronizadas “femininas” ou uma mulher tem comportamentos pré-estabelecidos “masculinos” essas pessoas estão sujeitas a julgamentos e repúdios por conta do reflexo que o tradicionalismo historicamente acerca do conceito de gênero traz para os dias atuais. Um exemplo bem atual que acontece dentro das escolas é que, meninos tem que ter o seu grupo de amigos homens, e meninas andarem e socializar apenas com meninas, algo que explicitamente está relacionada ao tradicional o que é bem recorrente nas instituições de ensino (OLIVEIRA, 2016).

Esses fatos são bastante vistos dentro das escolas todos os dias, não só esse, e sim muitos outros, o que reflete no pensamento de como o profissional de educação deve lidar com isso, e algo a ser debatido e pensado, porém não é o que acontece devidamente. Pois saber como lidar em questões de preconceito e

intolerância referente ao gênero de alguém é de extrema relevância para os dias atuais.

Embora as relações sociais sejam construídas historicamente e culturalmente. A ideologia patriarcal, nos faz acreditar e naturalizar os papéis sociais entre meninos/meninas, devido alienação da consciência humana. Fazendo que haja um conformismo e descrença de que as coisas possam mudar, nos levando a acreditar, porque "sempre foi assim", o que se pode gerar conformismo (SILVINO, 2017. p. 4).

De acordo com Silvino (2017), as questões na qual se aborda aqui, dar-se pelo conformismo e a naturalização dos fatos vivenciados diariamente, ou seja, tudo que é padronizado referente ao gênero está sendo levado em conta até nos dias atuais, anulando qualquer mudança que possa vir acontecer. O que ocorre nas escolas é o resultado de uma alienação de pessoas que seguem esses padrões até hoje e que preferem fechar os olhos para o que é novo ou diferente.

A naturalização dos papéis sociais entre meninos/meninas é vista de maneira natural dentro do ambiente escolar, tanto para alunos quanto para professores, professores de gênero diferente têm que se porta de uma maneira dentro do ambiente escolar para que possa ser aceito e bem visto pela sociedade e a comunidade escolar, o mesmo ocorre com alunos, que por medo escondem o que realmente são de fato para poder se enquadrar no convívio escolar.

Não anulando o fato que isto vem mudando com tempo, porém a muito para se fazer com relação à identidade de gênero no cotidiano escolar, a educação brasileira não pode ficar enraizada em padrões antigos pois o mundo e as pessoas estão em constante mudança e isso tem que ser levado em conta.

Professores e alunos que possuem suas diferenças hoje sofrem por conta do tradicionalismo e conservadorismo, o ser diferente hoje se tornou algo desafiador para estas pessoas, pois os riscos são inúmeros e por conta disto vidas são paradas no tempo, alunos deixam de frequentar a escola por conta da intolerância, e professores deixam de exercer o trabalho docente por conta do preconceito e a dificuldade de uma oportunidade.

A escola enquanto um dos espaços formadores de opiniões e transmissora de conhecimento tem contribuído para a manutenção das relações desiguais entre homens/mulheres, assim colaborando com uma sociedade segregada e opressora. Estabelecida por uma ordem dominante, que atende aos interesses do capital, contudo como a história é passível de mudança, cabem-nos enquanto sujeitos formadores dessa história, lutar, resistir e não sermos omissos e coniventes com qualquer tipo de dominação e preconceito (SILVINO, 2017, p. 4).

Nesse sentido o autor acima citado considera que a escola é um dos principais motivos para a desigualdade entre homens e mulheres, por ser um espaço onde as relações são pautadas em cima de padrões se tornando assim uma sociedade segregada e opressora daquilo que é diferente, quando se fala em desigualdade entre homens e mulheres no cotidiano escolar isso está relacionado de como os fatos ocorrentes são vistos pela sociedade.

Buscar a compreensão das diferenças a respeito da identidade de gênero, torna-se essencial para que as pessoas possam ter conhecimento mais assertivo sobre o assunto, pois mulheres e pessoas que fazem parte da comunidade LGBTQs, são vistos de maneiras totalmente diferente pela sociedade, o que pesaria para um, não pesaria para outro, no que diz respeito a homens mulheres e LGBTQs.

A escola é um espaço que tem um poder muito grande para se levar informação, e isto deve ser usado a favor das minorias que sofrem por não fazerem parte de um padrão tradicional, o citado acima mostra que as pessoas não devem ser omissos e coniventes com qualquer ato de discriminação ou preconceito, as escolas devem mostrar para seus alunos que as diferenças existem e devem ser respeitadas para um bom convívio em sociedade (OLIVEIRA, 2016).

Pois entender a necessidade da reflexão sobre o preconceito dentro do ambiente escolar e o conservadorismo, com a discussão de gênero pois todos os dias mulheres e LGBTQs têm os seus direitos negados, liberdades enclausuradas e assim vêm sofrendo das mais variadas formas de opressão e exploração sobre seus corpos e vidas.

Destaca-se, portanto, que a sociedade passa por um momento onde a fase é de desconstrução para ambas as partes, o tradicionalismo cada dia mais está sendo desconstruído e se adaptando no que é novo, logo a educação brasileira precisa atentar-se mais para estes fatos recorrentes para que haja uma mudança no cenário atual, lembrando que só o dialogo e a informação pode mudar o pensamento da sociedade que ainda está presa no tradicionalismo.

2 PROFESSORES HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS FRENTE A COMUNIDADE ESCOLAR

Ser professor (a) e fazer parte da comunidade LGBTQIA+, e ter a escolha de não esconder esta condição perante a comunidade escolar, é uma escolha arriscada, tal que estes profissionais que optam por não esconder sua sexualidade ou identidade de gênero possam ter alguns conflitos no seu local de trabalho, uma vez que nem todos que estão inseridos no cotidiano escolar são desconstruídos para conviver com essas diferenças (MOLINA, 2011).

Portanto, isso se torna libertador para esses profissionais que escolhem falar abertamente das suas diferenças afetivas e de como se sentem a respeito de seus corpos. Ser abertamente gay, lésbica, bissexual ou transgênero nos dias atuais, se torna algo muito representativo para aqueles profissionais que ainda estão se capacitando para entrar no meio de trabalho e para aqueles que já fazem parte do cotidiano escolar, mas que por alguma razão preferem esconder suas diferenças em seu local de trabalho (MOLINNA, 2011).

Muitos professores (as) que estão inseridos no cotidiano escolar e que fazem parte da comunidade preferem optar por não falar abertamente disso no seu ambiente de trabalho por não se sentirem seguros para conviver com situações desconfortáveis ou constrangedoras que os professores (as) que são abertamente assumidos passam cotidianamente no âmbito escola, então por isso muitos desses profissionais preferem não falar sobre isso.

Amar alguém do mesmo sexo, entregar-se à dor e à delícia de sentir-se apaixonado como em qualquer relacionamento no qual criamos laços de ternura, torna-se mais difícil para os homossexuais, uma vez que os riscos do encontro e desencontro de amar alguém simbolizam romper com o mundo sociocultural que os indivíduos estão inseridos (MOLINA, 2011, p. 1).

Conforme citado acima, o homoafetivo sentir-se atraído afetivamente por alguém do mesmo sexo é por em risco a sua vivência com o mundo, ou seja, com a sociedade, pois se abertamente fora do padrão héteronormativo se torna um empecilho para que essas pessoas possam conviver normalmente em sociedade, essas pessoas são vítimas de preconceitos, até mesmo de ataques homofóbicos.

Isso não é diferente dentro do cotidiano escolar, pois há uma grande parte de professores que sofre nesses preconceitos e ataques vindos de inúmeras partes da comunidade escolar, sejam eles vindos de próprios professores, alunos, direção, secretariado, etc.

Docentes, fora dos padrões normativos de gênero – em condição ou visualidade –, carregam a respeito de suas práticas sociais e dos processos de ensino e aprendizado decorrentes de sua presença, podem contribuir para o olhar crítico em face dos marcadores sociais e das escolhas que cada docente venha a fazer, no contexto de sua identidade, quando em sala de aula, uma vez que: “[...] o corpo exprime a existência total, não que ele seja seu acompanhamento exterior, mas porque a existência se realiza nele (GONÇALVES, 2016, p. 3).

Nesse contexto, enfatiza-se que o docente que é fora do padrão normativo sejam eles sociais ou até mesmo visuais imprimem para a sociedade o cenário atual da qual a sociedade está passando, onde existem professores (as) de diferentes formas, sejam elas culturais, sociais, de gênero ou identidade de gênero, diferenças essas, que dentro da sala de aula imprime a existência e diferenças desses professores.

Com isso esses padrões sociais vão se tornando cada vez menor, pois a escola é responsável por boa parte dos padrões na qual se vive até hoje, mesmo que de maneira menos rigorosas, porém isso não muda o papel que a escola tem perante a comunidade escolar, sendo ela a maior transmissora de informações tendo poder de desmitificar todos os conceitos hierarquizados vindo a partir da época tradicionalista (GONÇALVES, 2016).

Ter um professor (a) homossexual em sala de aula significa um grande avanço em questão de oportunidade para esses indivíduos, pois hoje, mesmo que ainda seja uma pequena parcela, existem professores gays, lésbicas, bissexuais e transgênero exercendo a prática docente, e que são abertamente assumidos para a comunidade escolar, ter esses professores (as) em sala de aula ajuda muito para que outros professores tenham oportunidade de trabalho e para que isso seja cada vez mais normalizado.

É certo que a sexualidade humana figura como um dos temas mais inquietantes e, quase sempre, mais recusados na ação prática do professor. Entretanto, cada vez mais a escola tem sido convocada a enfrentar as transformações das práticas sexuais contemporâneas, uma vez que seus efeitos se fazem alardear no cotidiano escolar (PEREIRA, 2011, p.18).

Gonçalves (2016) pontua que a escola e professores sejam eles homossexual ou não, estão sendo chamados para linha de frente para enfrentar os padrões tradicionais e a heteronormatividade através do conhecimento e informação passados por eles, mostrando as mudanças sociais e ideológicas da qual a sociedade vem passando periodicamente.

Trazendo para sala de aula assuntos referentes à diversidade e a busca por desconstruir conceitos formados pela comunidade escolar, os professores que são LGBTs tendem a ter um domínio mais fácil do assunto e menos dificuldade de transmitir sobre tal, então dar-se a importância da discussão entre os próprios professores de como seguir a diante para passar isso aos seus alunos procurando uma melhor forma clara e objetiva para que os alunos entendam.

Atualmente os professores brasileiros podem contar com o programa criado em 2004 pela SECAD - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, chamado (Brasil sem homofobia) onde existe grupos que promovem a capacitação de professores para abordagem em sala de aula referentes à diversidade e sexualidade em linguagem simples e direta (PEREIRA, 2011).

Porém, essas capacitações não chegam a diversas partes do Brasil, o que resulta no despreparo de professores que não são LGBTs ao abordarem esses assuntos em sala de aula, por isso a importância de professores que são LGBTs em trabalho direto com a comunidade escolar, trazendo representatividade e com isso levando mais conhecimento e informações.

2.1 A DIFERENÇA E A DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO

As diferenças sociais estão presentes em todos os nichos que a sociedade cria, no âmbito escolar não é diferente, tanto que vem surgindo cada vez mais pessoas que fazem parte dessas comunidades mostrando a importância de falar e debater sobre esses assuntos. As diferenças estão em todos os lugares, em todas as pessoas mesmo que não sejam notadas, às vezes são escondidas por medo do que o outro pode pensar.

Viver em um país diversificado no que diz respeito a questões sociais, culturais e até de comportamento, para alguns é um problema, pois essas pessoas ainda fazem parte de uma sociedade retrograda, vendo isto dentro do contexto escolar se torna ainda mais difícil para quem faz parte dessa diversidade, essas

peessoas tendem a passar por vários desafios durante sua vida escolar ou acadêmica, tendo que conviver com preconceitos e não aceitação perante a uma parte da sociedade (PEREIRA, 2016).

A educação vem passando por diversas mudanças referentes às diferenças e a diversidade dentro do ambiente escolar, buscando metodologias para inserir essas pessoas dentro do convívio escolar, estabelecendo um bom convívio respeitando as diferenças.

É sabido a todos que a diversidade humana está posta desde os primórdios da humanidade, mas, apenas a partir do final do século XX é que a sociedade se dá conta desta especificidade, declarando que os seres humanos não são iguais. Neste contexto, pode-se afirmar que a comunidade escolar é composta por alunos de diferentes grupos sociais, políticos, econômicos, étnicos, religiosos, etc. (SANTOS, 2008, p. 6).

De acordo com o autor, a diversidade existe antes mesmo de começarem a pensar na possibilidade de falar e debater sobre esses assuntos, portanto, a partir de alguns anos, a sociedade começou a perceber que as pessoas não são iguais as outras, e que essas diferenças iam muito além de apenas as diferenças físicas visíveis em outros indivíduos.

De certo modo, isso reflete no ambiente escolar, onde as pessoas são diferentes começando pelos profissionais que fazem parte do quadro de funcionários até nos alunos que estão cotidianamente presente nesta troca de experiências entre aluno e professor. Em uma sala de aula pode existir diversas diferenças podendo ser elas sociais, religiosas, afetivas e entre outras. Neste contexto, torna-se importante tentar entender como se pode lidar com tais diferenças no ambiente escolar.

A forma como os professores lidam com essas diferenças em sala de aula é muito importante para o convívio, pois é a partir do modo como esses indivíduos são tratados que a comunidade escolar terá ou não um bom desempenho na convivência entre as diferenças e a diversidade. A escola é um espelho de tudo que acontece fora dos seus portões para fora, então a comunidade escolar assim como a sociedade como um todo precisa de formas para desconstruir tudo o que foi historicamente imposto para que as pessoas seguissem (SANTOS, 2008).

As diferenças podem está presente em uma escola de diversas maneiras, sejam elas culturais, religiosas, físicas, gênero e entre outras, saber conviver com

essas diferenças de certo ponto é muito fácil, apenas tratando toda a comunidade escola igualmente, porém sempre atento nas especificidades de cada aluno, naturalizando o convívio e troca de experiência entre todos que estão no âmbito escolar.

Neste contexto, as experiências no ambiente escolar podem ser positivas e favoráveis para a maioria dos estudantes, mas para muitos deles, podem ser um processo doloroso e traumático, quando alguns alunos são expostos a manifestações de discriminação, principalmente aquelas que são características da sua identidade pessoal e social, tais como: etnia, nacionalidade, idioma, ideologia, opinião política, religião, crença, identidade de gênero, idade, filiação, aparência pessoal, doença ou deficiência (COSTA, 2014, p. 5)

Deste modo, compreende-se que para muitos alunos a experiência de ir escola podem trazer furtos bons ou ruins, pois considerando que á uma boa parte que passa por essas experiências sem nenhum tipo de constrangimentos ou desrespeito por outro lado existem alunos que trazem traumas do seu período escolar.

Esses indivíduos tendem a passar sua vida toda remoendo esses traumas impossibilitando essas pessoas de terem vontade de ir a escola ou de participar de qualquer assunto referente à escola, então a necessidade da comunidade escolar buscar propostas visando uma forma para que tragam essas pessoas para o convívio escolar. Lembrando que a família é de suma importância para esse processo, a escola deve sempre procura inserir a família levando informação e trazendo elas cada vez mais para a vida escolar dos alunos.

Vale ressaltar que alunos e professores e a comunidade escolar em geral que fazem parte de uma sociedade diversificada sofrem da mesma forma, pois o problema no qual muitos passam não é relacionado à pessoa, e sim naquilo que cada indivíduo carrega consigo. Professores que são fora do padrão normativo são vistos de forma diferente dos demais professores que se adequam a esse padrão. Alunos que não fazem parte deste padrão também sofrem por não se adequarem.

As políticas sociais e educacionais do Brasil exaltam a nossa "diversidade criadora", ao mesmo tempo em que há um silenciamento das diferenças no campo da educação e isto tem significado a construção da heteronormatividade como norma e normalidade e a estética branca como modelo do belo (CRUZ, 2011, p. 9).

Sendo assim, nota-se que as políticas públicas criadas até hoje transmitem que a diversidade é algo que foi criado, e por isso se torna difícil à abordagem referente a este assunto nas escolas, pois cada vez mais a heteronormatividade é vista como algo natural, assim dominando boa parte do ambiente escolar.

A heteronormatividade dentro do ambiente escolar atualmente ainda é vista como uma “norma”, mesmo que esteja passando por muitas mudanças, ela ainda domina dos portões para dentro, o que dificulta o processo de desconstrução sobre os temas atuais, porém a educação vem se tornando cada vez mais contemporânea abordando os assuntos referentes a diversidade e tudo que ela engloba.

A construção do conhecimento na Educação Contemporânea deve ocorrer coletivamente e estar voltada para questões que contemplem as diferenças, ou seja, a diversidade humana que compõe a escola, sendo necessário para isso, incluir questões a serem discutidas e/ou refletidas tais como: etnia, raça, gênero, classe, sexo, entre outras, valorizando todo o conhecimento que os diferentes grupos trazem para a sala de aula, enriquecendo muito mais o ensino e a aprendizagem, onde, infelizmente acabam sendo despercebidos ou ignorados por muitos professores (SANTOS, 2008, p. 10).

De acordo com o trecho citado, nota-se que o autor defende que, a educação atualmente ainda necessita de um olhar mais atento às questões da diversidade humana, buscando estabelecer mais conversas e interações sobre tal. A necessidade de compreender assuntos sobre todos os grupos sociais é muito grande e de suma importância para desconstrução e aprendizagem para os alunos.

Assim, facilitando o processo de construção de seu pensamento crítico e intelectual, pois a partir do momento em que um professor (a) coloca em sala de aula assuntos referentes à diversidade ele (a) leva a informação para os alunos e posteriormente os alunos iram receber cada um com sua forma de absorver esses assuntos, assim construindo seu pensamento crítico e conhecimento a respeito da diversidade humana.

Por mais que assuntos relacionados à raça, etnia, classe, sexo, gênero e entre outros estão sendo cada vez mais pautados nas escolas e dentro das salas de aulas, ainda existem muitos professores que preferem deixar esses assuntos despercebidos diante do seu trabalho docente, o que infelizmente enfraquece e desacelera o processo de pensamentos errôneos que uma boa parte da sociedade ainda tem diante desses assuntos.

Torna-se importante frisar que professores que abordam temas como sexualidade ou gênero devem procurar a melhor forma de como repassar isso para os seus alunos, tendo em vista que em uma sala de aula existem pessoas diferentes uma das outras, o que exige um pouco de cautela da parte do trabalho docente, acredita-se que as diferenças em sala de aula se tornam um empecilho ao falar de diversidade, porém não se torna impossível vez que cada professor tenha uma metodologia para colocar em prática, trabalhando de forma clara e objetiva.

Professores, equipe pedagógica e direção escolar devem tornar visível a diversidade, discutir as diferenças, entender e ouvir os outros, pois estas são experiências que ajudam a abordar o desconhecido, com a informação necessária para quebrar os mitos e estereótipos que são a base da discriminação (COSTA, 2014, p. 4).

De acordo com o autor, é dever dos professores e equipe pedagógica levar informação e discussão referente à diversidade, pois isso anula todos os tipos de inverdades criadas a respeito do que é diferente, pois os pensamentos errôneos e estereótipos criados em cima dos grupos sociais são o pivô dos casos de discriminação.

A diversidade dentro do contexto escolar ainda é tida como tema transversal quando discutida em sala de aula, pois assuntos que englobam os grupos sociais ainda são vistos como um tabu perante o trabalho docente, portanto é de suma importância que nos dias atuais assuntos como a sexualidade humana tenha espaço no currículo escolar, levando cada vez mais conhecimento para a comunidade escolar e construindo cidadãos mais ricos de conhecimento sobre a diversidade humana e fora de qualquer padrão que levam a discriminação às diferenças.

2.2 O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO DE ADOLESCENTES



Falar sobre sexualidade, orientação sexual ou identidade gênero no âmbito escolar, tem se tornado uma escolha para algumas instituições escolares no Brasil, mas vale frisar que não é a realidade de todas, pois as escolas ainda estão presas aos manuais conservadores que impendem que muitas destas instituições tragam para sala de aula assuntos referente à sexualidade humana.

A sociedade atual ainda vê assuntos como a sexualidade humana como um tabu, o que dificulta a inserção desses referidos assuntos dentro do ambiente

escolar, o que ocasiona a desorientação e jovens e adolescentes a transição para vida adulta não sabendo lidar com muitas particularidades que cada indivíduo tem.

Com o conhecimento, ou não, da proposta de orientação sexual dos PCN, alguns professores contribuem para o alcance do objetivo que é incentivar alunos a se envolver e exercer a sexualidade com prazer e responsabilidade (3). Neste contexto, eles orientam com vistas a prevenir possíveis problemas decorrentes da expressão da sexualidade, valorizando a promoção da saúde, por meio da Educação (HOLANDA, 2010, p. 3).

O autor acima citado enfatiza que a informação vinda dos professores no ambiente escolar referente à educação sexual dos adolescentes é de suma importância principalmente pelo momento no qual o país vem passando, onde os índices de infecção de doenças sexualmente transmissíveis entre jovens e adolescentes são muito altos, pois isto ajuda a levar informação para esses alunos, onde cada um fica ciente de suas responsabilidades assim que iniciarem sua vida sexual.

A educação sexual nas escolas precisa se tornar cada vez mais normalizada, pois além de levar informação aos alunos ainda ajudará na promoção da saúde desses adolescentes, que sabendo do que devem ou não fazer em suas relações, vão estar ciente dos riscos que correm no caso de imprudência nas relações vividas.

Neste sentido, vale lembrar que o professor (a) que trabalha diretamente com adolescentes precisam saber o quanto é importante no processo de conhecimento referente a educação sexual desses adolescentes, pois o professor é responsável de conscientizar esses alunos os preparando para vida (HOLANDA, 2010).

Os adolescentes mesmo com suas concepções mostram-se confusos quando o assunto é sexualidade. A educação sexual quando transmitida na adolescência pode contribuir para a diminuição das incidências de casos como as DSTs e outros riscos e vulnerabilidades que o adolescente em seu meio pode estar exposto. A escola é o local mais suscetível para que essas orientações aconteçam, sendo o professor e o enfermeiro os profissionais responsáveis por essas condutas (MATOS, 2016, p. 3).

Em concordância com o autor, percebe-se que os adolescentes da atualidade possuem certo conhecimento referente à sexualidade humana, porém uma boa parcela deles ainda possui dúvidas e inseguranças referentes a sexualidade, é onde surge a importância de falar e debater esses assuntos nas escolas.

A escola deve saber que é uma fonte de levar informações, e com isso deve procurar métodos de levar essas devidas informações para seu alunado, pois como

dito anteriormente, existe uma boa parcela de adolescentes que se sentem desorientados quando se fala sobre sexualidade. Segundo Matos (2016) tal atitude diminuirá os casos de inúmeros jovens e adolescentes que são de alguma forma prejudicados pelo não conhecimento referente à vida sexual.

Na educação, a sexualidade trata-se de uma temática extremamente associada aos preconceitos, por isso é pouco estudada. Para que o educador venha a trabalhar com este tema em sala de aula, é importante que amplie seus conhecimentos acerca do assunto, para que possa auxiliar os alunos que não possuem informações adequadas, respondendo e esclarecendo suas dúvidas, a fim de contribuir com uma melhora na qualidade de vida dos alunos (SILVA, 2016, p. 9).

Compreende-se deste modo que assuntos referentes à educação sexual estão ligados às mazelas do preconceito que a sociedade construiu com o tempo, com isso surge uma dificuldade de abordar essas temáticas em sala de aula, por se tratar de assuntos muito particulares e distintos onde cada um possui seu conhecimento sobre tal.

O que não se torna impossível, pois Silva (2016) enfatiza que professores que querem levar essa temática para sala de aula precisam se aprimorar sobre o referido assunto, para que tenham total segurança para passar aos seus alunos, esclarecendo todas as dúvidas que os seus alunos possam ter, onde a tendência é melhorar a vida dos alunos e aprimorar seus conhecimentos.

Partindo do princípio que, os professores que escolherem por abordar esses assuntos deve saber quais informações podem passar de acordo com a faixa etária de cada classe onde trabalham, tendo a didática certa para esse processo entre aluno e professor, tendo total responsabilidade profissional não expondo ou constrangendo o seu alunado.

Desta maneira, percebe-se que a escola, ao assumir em seu Projeto Político Pedagógico o compromisso e responsabilidade de orientar sexualmente seus alunos, poderá ser capaz de contribuir com as crianças e adolescentes, promovendo o desenvolvimento da comunicação nas relações interpessoais, elaborem valores a partir do pensamento crítico, conscientizando sobre seu próprio comportamento e tomando decisões responsáveis a respeito da sua vida sexual (MATOS, 2016, p. 3).

Nota-se deste modo que a partir do momento que a escola coloca em prática as suas maneiras de levar sensibilização aos seus alunos de acordo com seu Projeto Político Pedagógico - PPP, isso tende a ter bons frutos quando se fala em

conscientizar os alunos, pois além dessas discussões contribuírem para o conhecimento social de cada aluno, essa temática ajuda na desconstrução de uma sociedade que ainda está presa em alguns padrões que impedem de que as escolas possam abranger esses assuntos em sala de aula.

Essa temática ainda precisa ser discutida para que enfim os professores possam debater em sala de aula nas escolas com total segurança, pois professores que exercem em sala, essas temáticas tendem a passar por algumas especulações duvidosas no seu local de trabalho. Pois se trata de um assunto carregado de preconceitos e julgamentos errôneos a respeito da sexualidade humana.

Torna-se interessante ressaltar que é sempre uma boa opção que as escolas possam está chamando periodicamente profissionais da saúde para estar juntamente com os professores nesse processo de conhecimento/informação diretamente com os alunos, assim se tornando mais fácil a absolvição dessas informações e respaldados de qualquer problema que possam surgir.

2.3 PRINCIPAIS DIFICULDADES DA INSERÇÃO OU CONTRATAÇÃO DO PROFESSOR HOMOSSEXUAL

Professores LGBTs estão cada vez mais conseguindo seu espaço no mercado de trabalho, porém para que isso seja alcançado estes profissionais periodicamente sofrem e são vítimas de preconceitos vindo de inúmeras partes, pois esta classe ainda é muito marginalizada no seu meio social, e por conta disso surgem diversas dificuldades para que seus trabalhos sejam reconhecidos.

Ser homossexual e ser professor, é um grande desafio para essas pessoas, muitas vezes esses professores têm seus trabalhos inferiorizados ao trabalho dos docentes que fazem parte do padrão hétero normativo, com isso trazendo vários traumas e frustrações para esses profissionais, que por conta dessas situações se afastam e ficam longe do trabalho docente.

Os resultados mostraram que a maioria das organizações pesquisadas demonstram atenção ao segmento LGBT, mas que o padrão dos esforços empreendidos pelas empresas no Brasil revela um caminho que ainda precisa ser mais bem desenvolvido para que a discriminação sexual seja de fato minimizada (NUNES, 2017, p. 25).

Neste sentido, o autor acima supracitado que empresas sejam elas privadas ou públicas estão dispostas a olharem para comunidade LGBTQ com mais atenção, valorizando estes profissionais dando oportunidade para que seus trabalhos sejam desenvolvidos, mas que ainda há muito há ser mudado durante este tempo, pois ainda há uma grande maioria fora do mercado de trabalho por conta da sua orientação sexual ou identidade de gênero.

A discriminação por orientação sexual no Brasil é visível, principalmente quando se fala do meio educacional, onde existem vários paradigmas que impendem que esses professores (as) sejam devidamente valorizados e respeitados. Portanto, é de suma importância que surjam políticas públicas para que esses profissionais tenham uma oportunidade no mercado de trabalho.

Professores homoafetivos que atuam na linha de frente com discentes são inúmeras vezes expostos pela sua orientação sexual dentro do seu ambiente de trabalho, assim como são vítimas de preconceitos por estarem em um local exercendo uma profissão que é predominantemente dominada por mulheres.

Além do gestual, do físico e dos atributos comumente associados às mulheres (como sensibilidade, choro ou paciência), o próprio fato de esses professores estarem em uma profissão socialmente considerada feminina, com a necessidade de qualidades ditas femininas para exercer o ofício, é alvo de homofobia (RABELO, 2013, p. 8).

Nota-se que até mesmo professores do sexo masculino que não são gays, sofrem homofobia dentro do ambiente escolar, justamente por estarem em funções que (normalmente) seriam exercidas por mulheres, e isso fica cada vez mais forte quando se fala de professores que fazem parte da comunidade LGBTQ, que atuam como docentes e que trabalham com as séries iniciais.

Docentes gays, que trabalham com séries iniciais atualmente são difíceis de ver, porém existem alguns que atuam nesta área específica, existem muitos relatos desses profissionais que colocam as dificuldades encontradas em seu ambiente de trabalho, onde acontecem situações nas quais pais se recusam a entregarem seus filhos alegando que o professor (a) seja uma má influência e muitas outras situações que acontecem periodicamente no ambiente escolar (RABELO, 2013).

Muitos desses profissionais, não conseguem oportunidade de exercer o trabalho docente, pela sua orientação sexual ou identidade de gênero, pois como dito anteriormente esses professores vêm de uma classe que é totalmente

marginalizada perante a sociedade, o professor(a) que procuram alguma oportunidade, muitas vezes são descriminados pela sua aparência, vestimentas, andado e etc.

Embora haja uma qualificação, títulos, experiências profissionais, os homossexuais, em muitas empresas, não são os escolhidos para serem contratados por sua opção sexual, e quando os são, há uma série de humilhações que passam em seu ambiente de trabalho (GIUSTI, 2018, p. 28).

Em relação ao exposto acima, o autor enfatiza que por mais que o profissional tenha todos os requisitos à altura para exercer certa função, ele sendo abertamente gay, isso é motivo para que tal indivíduo não consiga uma oportunidade, ou até mesmo ser submetido a vários tipos de condições constrangedoras no seu local de trabalho por conta de sua orientação.

O que não é diferente no ambiente educacional, pois profissionais gays, lésbicas, bissexuais ou transexuais quando conseguem uma oportunidade de exercer o trabalho docente, são submetidos a certas condições onde ficam acuados de ser quem realmente são no ambiente de trabalho. Isto de certa forma ocasiona uma má estabilidade entre as relações sociais desses profissionais no âmbito escolar. Onde essa má relação pode afetar diretamente no seu trabalho e na sua vida enquanto ser humano.

Há muitos professores gays que estão fora do êxito docente pelo fato de serem quem são, e por existir no mercado muitos professores (as) que fazem parte do padrão normativo, e que são mais bem vistos pela sociedade e pela comunidade escolar. O que reflete aos dias atuais, aonde o preconceito e homofobia vai além de qualquer conhecimento que a pessoa possa ter.

O preconceito continua sendo constante na vida de gays e lésbicas brasileiros, inclusive no âmbito profissional. Uma pesquisa realizada em 2015 pela empresa de recrutamento e seleção Enlancers, com 10 mil empregadores de todo o Brasil, apontou que 7% das empresas entrevistadas não contratariam homossexuais em hipótese alguma, principalmente pelo receio de ter sua imagem associada a essa população (NUNES, 2017, p. 12).

Observa-se que uma parte muito grande de profissionais que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ está fora do mercado de trabalho pelo receio que as empresas e escolas apresentam, em ter no seu quadro de funcionários gays ou lésbicas, por conta da imagem que essas pessoas podem passar para a sociedade,

evidentemente isso ocasiona uma grande desigualdade entre a população brasileira. O que leva muitos desses profissionais a tomarem outros caminhos para garantir sua sobrevivência.

A educação brasileira vem passando por grandes mudanças referentes à diversidade nos meios educacionais onde muitas pessoas estão tendo o seu devido espaço, hoje se encontra uma diversidade que anos atrás não encontravam no que diz respeito a professores que não fazem parte de um padrão, em que existem professores gays, lésbicas, transexuais e muitos outros que fazem parte da comunidade (NUNES, 2017).

O que não se pode esquecer é que, para que isto esteja acontecendo, precisou-se de muita luta e persistência para que esses profissionais tivessem suas oportunidades. O que não foi nada fácil, pois o conservadorismo era e ainda continua muito forte na sociedade, onde se prevalece mais ainda no ambiente educacional.

A dificuldade de inserção do meio do trabalho apresenta maiores dificuldades para a população considerada minoria. Algumas empresas admitem homossexuais com a condição que mantenham em segredo a sua opção sexual como demonstrado por Soares Siqueira (GIUSTI, 2018, p. 32).

Desta forma, pode-se dizer que para professores homossexuais e lésbicas a interação com a comunidade escolar em algumas situações são desconfortáveis para essas pessoas, pois esses indivíduos muitas vezes são obrigados a se portarem de uma forma na qual a comunidade não perceba que esses professores são diferentes dos demais.

Isso ocorre pelo fato de que professores abertamente gays ou lésbicas são muito visados pela comunidade, sendo alvos de críticas e preconceitos diretamente no seu meio de trabalho. Obviamente que para lidar com público, trabalhar diretamente no trabalho docente é necessária uma postura coerente com a profissão que o indivíduo está atribuindo ali (GIUSTI, 2018).

Porém, existem muitos requisitos atribuídos a essas pessoas que são totalmente incorretos, principalmente para os professores homens gays que são (afeminados) termos usados para homens gays que tem jeitos e modos de uma mulher, onde que para poder exercer tal função precisa adequar-se ao que a sociedade considera (normal).

O professor gay, que se expressa de uma maneira mais feminina é mais notado fora e dentro do seu ambiente de trabalho, o que o leva muitas vezes a ser visto como uma pessoa desrespeitosa o que torna o seu trabalho mais desafiador. No entanto, estas situações podem ser evitadas, pois de acordo com cada administrador, ou seja, o empregador de cada instituição, saber lidar com essas situações aceitando e respeitando as diferenças.

O empregador é um dos pontos mais importantes, pois é justamente ele que pode ser a fonte da discriminação evitando o acesso dos homossexuais aos empregos ou a relações saudáveis no ambiente de trabalho (GIUSTI, 2018, p. 34). Desta forma, percebe-se que para que haja professores (as) LGBTs no ambiente educacional necessita-se que os gestores verifiquem com um olhar mais atento para esses profissionais, pois existem muitos indivíduos capacitados que não estão trabalhando pelo fato de sua orientação sexual.

Podendo também criar projetos para inserção desses professores, valorizando os seus trabalhos e os preparando para qualquer modalidade de ensino, pois através da valorização de preparação desses docentes eles vão está profissionalmente e mentalmente preparados para exercerem os seus trabalhos com êxito.

2.4 CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NO ENTENDIMENTO E DISCUSSÕES SOBRE GÊNERO E RESPEITO

Falar e discutir questões de gênero nas escolas é algo que não ocorre constantemente, pois ainda nos dias atuais este tipo de temática ainda é um tabu para sociedade no geral o que dificulta a abordagem acerca deste tema. Porém, há a necessidade e relevância de falar e discutir sobre tal, pois existe uma grande parcela de professores e alunos que sofrem devido a decorrência de não terem informações necessárias levadas para o ambiente escolar ressaltando e explicando as diferenças sociais tal como de gênero e etc.

Justifica-se assim a importância do tratamento de questões relacionadas as relações de gênero e diversidade sexual durante o processo de ensino aprendizagem, pois a escola não pode mais simplesmente encaminhar ou marcar horário para tratar destas questões, cabe a ela se aprofundar em conhecimentos científicos historicamente construídos e através de discussões e reflexões oportunizar a mudança de atitudes a todos/as os/as sujeitos envolvidos na educação (NOGUEIRA, 2010, p. 4).

De tal modo, as escolas não devem se prender a tempo ou hora para debater dentro das escolas assuntos relacionados a gênero, pois este assunto é algo que necessita ser trabalhado constantemente no ambiente escolar, enfatizando as diferenças e as necessidades de cada indivíduo procurando estabelecer um conhecimento entre as diferenças buscando o respeito entre os demais.

Desta forma, as escolas devem procurar meios que capacitem não só professores, mas sim todo o corpo escolar para que sejam envolvidos todos que ali trabalham, além de possibilitar que trabalhem em parceria promovendo mudanças referentes às questões de gênero. Uma vez que levando essa temática para o processo de ensino aprendizagem facilita a normalização e aceitação entre as diferenças.

Os alunos são ensinados a partir do momento em que ingressam no processo de ensino-aprendizagem que há separações entre o feminino e masculino, então isso por muitas vezes gera um bloqueio para entender as diferenças humanas na qual existem há muitos anos. Deste modo, torna-se de suma importância que as escolas trabalhem em cima desses ensinamentos mostrando que o que os foi ensinado há anos atrás, hoje em dia não os servira mais, pois a sociedade está em constante mudança e os indivíduos podem escolher viver a melhor forma que acharem melhor.

Ao invés de autenticadora dos saberes a propósito da ordem natural da desordem, a escola deveria ser o local onde se extinguíssem as expressões e as manifestações de preconceito, pelo poder autolibertador que a educação pode ter. Pelo contrário, todavia o que se segue vindo é a busca pela padronização e pela classificação dos sujeitos, a serem habilitados a uma vida bem-sucedida no meio social (OLIVEIRA, 2014, p. 24).

Sendo assim, destaque-se que a escola ainda vive uma realidade na qual foi herdada pela educação tradicionalista, onde a heteronormatividade ainda domina os espaços e o indivíduo que burla esses padrões tendem a perder a credibilidade de viver em sociedade com os demais. As escolas do Brasil ainda vivem presas nos manuais dos padrões colocados pelo homem hétero, onde a imagem masculina se sobressai sempre como o mais superior.

A imagem masculina por muito tempo foi algo que servia como referência no ambiente escolar, onde todos os homens tinham que seguir aquele padrão, caso contrário o indivíduo era alvo de preconceitos e retaliações, o que não mudou nos

dias atuais, porém já se nota uma diferença no que se refere a igualdade de gênero e respeito com o próximo, muito ainda precisa ser feito, partindo sempre da escola, pois ela é a principal formadora de alto conhecimento e respeito com o próximo, é muito válido que todas as escolas adotassem propostas que trouxessem assuntos como igualdade de gênero para sala de aula, buscando esclarecer todas as especulações criadas ao em torno deste tema, procurando estabelecer um bom entendimento dos alunos acerca do assunto (OLIVEIRA, 2014).

Torna-se mais que relevante que as escolas procurem métodos que tragam a discussões e debates em busca de entender a diversidade humana, enfatizando acima de tudo o respeito entre as pessoas, interrompendo com o ideal héteronormativo que a escola segue por anos onde só pessoas heterossexuais são dignas de viver em sociedade.

Para falar de gênero no ambiente escolar necessita-se de um aprofundamento acerca do assunto, portanto cabe à instituição que deseja abordar este tema no cotidiano escolar, procurar capacitação para tal, pois se trata de um assunto atual e ainda um pouco complexo, mas, todavia o primeiro passo precisa ser dado para que todas as instituições de ensino se adequem e entendam que só a parti da informação levada pelas escolas o cenário atual onde ainda existe muito preconceito a diversidade e gênero possa começar a mudar e se torna "normal" visto pela sociedade (OLIVEIRA, 2014).

Desta forma, ressalta-se que a educação no Brasil ainda segue o padrão normativo e conservador, o que ocasiona tamanha desigualdade perante aos profissionais que não estão inclusos a esse padrão normativo, os autores relatam que isso ocorre por conta do "Não sair das fronteiras da normatividade" silenciando e excluindo do ambiente educacional esses indivíduos, isso ocorre frequentemente, pois em quase todos os ambientes escolares fogem do que é diferente, muitas vezes por medo de que a comunidade escolar possa receber tal profissional que é fora do padrão normativo ou por intolerância as diferenças.

Cabe, ainda, lembrar que grande parte das escolas (e dos sistemas de ensino) não possui projetos continuados sobre o tema, pois o corpo docente não se sente devidamente preparado para lidar com situações ou debates que envolvam a sexualidade e as relações de gênero, uma vez que esses conceitos são indissociáveis. Não é possível trabalhar adequadamente um tema sem se referir ao outro (FURLANI, 2008, p. 31).

Segundo o autor citado acima, os docentes da rede de ensino se sentem despreparados para abordar essa temática em sala de aula, o que é válido por se tratar de um assunto atual na qual se precisa de um preparo para abordagem de tal, porém esse medo e essa cautela de se falar sobre identidade de gênero nas escolas se decorrem do tabu que este assunto carrega consigo, pois para se falar de identidade de gênero precisa-se se falar de sexualidade onde são fatores diferentes, mas que andam lado a lado.

Portanto, vale ressaltar que por mais que seja um assunto que é carregado de muito preconceito e discriminação a escola por sua vez deve ser um lugar de quebrar paradigmas, que passa por cima de qualquer manifesto preconceituoso ou de desigualdade, buscando mostrar ao educando que há uma grande diversificação no mundo, para daqui alguns anos a sociedade ver essas diferenças como algo comum e que não muda nada na vida social e nem moral de cada pessoa.

3 VIVÊNCIAS DE DOCENTES HOMOAFETIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO NO MUNICÍPIO DE JACAREACANGA – PA

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE PESQUISA

O município de Jacareacanga está localizado na mesorregião Sudeste Paraense e na microrregião Itaituba. Limita-se ao norte com o município de Itaituba, ao sul com o estado de Mato Grosso, a Leste com os municípios de novo Itaituba e Novo Progresso ,a oeste, com o Estado do Amazonas Foi criado pela Lei Estadual nº 5691/ 91 de 13 de dezembro de 1991 (SILVA, 2012).



Figura 1 - Foto aérea da cidade de Jacareacanga. Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A cidade de Jacareacanga, sede do município, está situada à margem esquerda do rio Tapajós, distante de Belém cerca de 1.120 quilômetros, em linha reta, sendo hoje a sede municipal mais afastada da capital do Estado. Possui coordenadas geográficas 06° 14' 06 "de latitude Sul e 57°46'31" de longitude Oeste de Greenwich (PMEJ, 2015).

Segundo dados oficiais, o Município de Jacareacanga possui uma área de 53.911,22 Km², sendo 4,32% da área total do Estado do Pará, o que o coloca entre os dez maiores municípios paraenses. Cerca de 90% de suas terras são banhadas pela bacia do Rio Tapajós, enquanto os 10% restante pertence a bacia do Rio Amaná (SILVA, 2012).

A história de Jacareacanga pode muito bem ser contada com base inicial no ano de 1943 quando foram enviadas milhares de pessoas para a Amazônia, oriundas principalmente da região nordeste brasileira. Pessoas estas que optaram em não participar de 2ª guerra mundial em detrimento e povoar esta região muito rica em látex (líquido viscoso extraído da seringueira, planta nativa desta região) importantíssimo para a indústria pneumática e crucial para a vitória do grupo aliado contra os nazistas (SILVA, 2012).

A vinda desses nordestinos a região foi muito importante para o surgimento de agrovilas e pequenos povoados, que em reduzidos tempo se transformariam em distritos e/ou municípios. E ainda porque muitos desses “soldados da borracha”, como ficaram conhecidos resolveram ficar pela localidade constituindo uma grande família.

No final da década de 40, o senhor Antônio Pereira de Oliveira, conhecido historicamente por “Portuguesinho”, em uma caçada pela margem esquerda do Rio Tapajós, descobre uma planície e a nomeia de Buriti, devido à grande quantidade dessa palmeira existente, que posteriormente seria chamada de Jacareacanga, segundo relato do senhor Ambrósio e confirmado por mais pioneiros, o nome Jacareacanga foi escolhido por causa do formato da ponta grossa, (local à beira do rio Tapajós) (SILVA, 2012).

A partir de 1951 os caminhos em forma de Y, que foram considerados as primeiras ruas de Buriti, vinham do rio Tapajós (caminho da beira), seguia pela atual Avenida Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso e onde hoje funciona a secretária de educação (SILVA, 2012).

No fim da década de 50 um fato marcou profundamente a região, foi o início da garimpagem de ouro, provocando um forte movimento migratório, gerando uma ocupação desordenada e o estabelecimento de uma dependência econômica (PMEJ, 2015).

A emancipação política do município de Jacareacanga, até parte do município de Itaituba, foi o resultado da mobilização dos moradores, iniciada no final da década de 80 quando foi criada a Comissão Pró-Emancipação Política do Distrito Municipal de Jacareacanga, cuja presidência coube ao Sr. Sebastião Lopes Pimenta. O pedido de emancipação foi encaminhado à Assembleia Legislativa do Estado do Pará, pelo então deputado estadual Vilson João Shuber, que fez

acompanhar da representação, a ata de criação da Comissão já citada além de um abaixo-assinado com 150 assinantes (PMEJ, 2015).

Emancipado em 1991, o município é conhecido por suas belezas naturais e a influência indígena Munduruku na região, sendo a sede com mais de 100 aldeias próximas. Além disso, a história jacareacanguense é marcada por situações históricas do cenário nacional como a Revolução de Jacareacanga comandada pelo Brigadeiro Haroldo Coimbra Veloso (PMEJ, 2015).

O sistema educacional de Jacareacanga começou com uma parceria entre as esposas de militares da Força Aérea Brasileira e as famílias dos pioneiros, pois tinham muitas crianças que precisavam estudar. Então a igreja de Santo Antônio, serviu de escola durante muitos anos, a partir de 1960, dona Maria Emília, que morava em Sai Cinza, vem morar em Jacareacanga e dá início a Educação voltada às regras de regimento da educação brasileira, para isso em 1961, uma equipe de professores é formada com os seguintes membros: Maria Emília, Socorro Lopes, Socorro Prata, Maria José, Maria de Lourdes, as irmãs Suzana e Irene Brelaz, Elaine Maranhão. E o Ensino primário, como era denominado na época, começa a ser desenvolvido (SILVA, 2012).

Atualmente, os dados referentes à rede de ensino do município, possui um total de 56 escolas de Educação Básica. Desse total, 1 é de Ensino Médio 11 e 55 são de Creche, Educação Infantil e fundamental, sendo, 4 escolas na área urbana, 7 na área rural e 45 escolas em áreas indígenas. No que se refere às Escolas em áreas indígenas esse número é crescente, tendo em vista, o constante surgimento de novas aldeias, devido o costume nômade indígena (PMEJ, 2015).

Pode-se destacar ainda, que existe apenas uma escola de ensino médio no município com dependência administrativa do Estado, através da SEDUC/PA. Atualmente a principal estratégia da SEDUC de atendimento dos alunos indígenas no ensino médio é o Sistema de Organização Modular de Ensino- SOME, expandiu o atendimento para essa modalidade de ensino, para três aldeias indígenas (Sai-Cinza, Katô e Missão São Francisco) (PMEJ, 2015).

O município de Jacareacanga dispõe de rede pública nas esferas municipal e estadual que ofertam Educação Básica, cujas vagas ofertadas não têm sido suficiente para atender as demandas da população. Cada nível ou modalidade da Educação Básica, bem como a necessidade do Ensino Superior, na oferta de vagas para a população possuem especificidades que precisam ser consideradas na

proposição de ações e políticas públicas que efetivamente contribuam com a melhoria da oferta educacional no município (PMEJ, 2015).

3.2 METODOLOGIA UTILIZADA

Em primeiro momento é importante frisar que a pesquisa científica pode parecer assustadora, difícil e complicada. O que fazer com o resultado obtido, com base em no questionamento, não basta querer saber algo, pesquisar sobre um determinado assunto, e não ter aplicabilidade para os resultados encontrados (MASSO, 2012).

Pode-se definir pesquisa como o processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo da pesquisa científica é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos (GIL, 1999).

O papel fundamental da pesquisa científica: remete a questionamentos, a dúvidas, a refletir, a sugerir novos estudos, novas pesquisas, entre outras ações, tendo como base procedimentos metodológicos fidedignos e claramente definidos (MASSO, 2012).

Inicialmente utilizou-se a pesquisa bibliográfica, uma vez que é um tipo de pesquisa na qual Severino (2007) descreve que é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Este trabalho possui caráter exploratório e descritivo, pois ela se emprega na finalidade de buscar e levantar informações sobre as vivências dos docentes homoafetivos no município de Jacarecanga- PA, tornando-se descritivo, pois descreve as vivências e dificuldades encontradas por esses docentes enfatizando as dificuldades e necessidades encontradas no âmbito educacional, definindo assim o campo de trabalho no qual está sendo estudado.

Uma dos procedimentos encontrado nesta pesquisa é a utilização de técnicas padronizadas na coleta de dados, que ocorre através de questionários e observação sistemática. A pesquisa exploratória se torna relevante neste trabalho, pois conforme

(MASSO, 2012) ela tem como objetivo se familiarizar com a problemática estudada e possui características de levantamento bibliográfico, entrevistas com pessoas que conhecem o problema relacionado, e analisa assuntos que incitem a compreensão, podendo assumir formas da pesquisa bibliográfica.

A pesquisa exploratória tem como finalidade e desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. De todos os tipos de pesquisa, estas são as que apresentam menor rigidez no planejamento, este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 1999).

Na pesquisa qualitativa em que Severino (2007) frisa que é à modalidade metafísica do conhecimento, fundada na pretensão do acesso racional à essência dos objetos reais e afirmando a limitação de nosso conhecimento à fenomenalidade do real.

Esse modelo de conhecimento científico, denominado positivista, adequou-se perfeitamente à apreensão e ao manejo do mundo físico, tornando-se assim paradigmático para a constituição das ciências, inclusive daquelas que pretendiam conhecer também o mundo humano (SEVERINO, 2007, p. 73).

Pode-se dizer então que, a pesquisa qualitativa objetiva-se em qualificar as vivências dos docentes estudados, buscando identificar o cotidiano e tudo que está a sua volta no convívio social do professor Homoafetivo, tornando-se assim uma pesquisa qualitativa, pois se trata de um estudo que visa saber do modo em que os mesmo vivem no âmbito escolar.

Empregou-se também a pesquisa de campo, na qual Severino (2007) fala que é aquela que, além de registrar e analisar os fenômenos estudados busca identificar suas causas, seja através da aplicação do método experimental/matemático, seja através da interpretação possibilitada pelos métodos qualitativos.

Teve como instrumento de coleta de dados o questionário, onde Severino (2007) enfatiza que é o conjunto de questões, sistematicamente articuladas, que se destinam a levantar informações escritas por parte dos sujeitos pesquisados, com vistas a conhecer a opinião dos mesmos sobre os assuntos em estudo.

Os objetivos se constituíram em como a sociedade percebe o professor com orientação sexual diferente do padrão social analisando suas vivências no cotidiano

escolar, buscando compreender as dificuldades encontradas por estes docentes, colocando em pauta todas as barreiras que os mesmo passam diariamente do âmbito escolar sendo assim realizado nas escolas de educação básica no município de Jacareacanga - Pará.

3.3 ANÁLISE DOS DADOS

3.3.1 Percepções dos professores homoafetivos

Foram entrevistados cinco professores, sendo eles docentes representantes de quatro escolas do município de Jacareacanga-PA e região, sendo que foi aplicado a estes um questionário com 11 (onze) questões, sendo 1 (uma) questão para traçar o perfil dos entrevistados e 10 (dez) questões abertas sobre, as vivências e desafios do Professor (a) homoafetivo no âmbito escolar. Neste referido trabalho os professores serão respectivamente identificados por P1, P2, P3, P4 e P5.

Na primeira questão do questionário foram traçados os perfis e a identificação dos professores participantes da pesquisa. Segue a tabela 1, 2 e 3 a seguir:

Tabela 1 - Gênero e faixa etária e tempo de atuação como professor (a) da educação dos participantes da pesquisa.

GÊNERO	QUANTIDADE	%
Feminino	1	17
Masculino	4	83
TOTAL	5	100
FAIXA ETÁRIA	QUANTIDADE	%
20 a 30	4	83
31 a 40	1	17
41 a 50	0	0
51 a 60	0	0
TOTAL	5	100

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

A tabela 1 aborda o perfil quanto à idade e gênero dos professores participantes da pesquisa, percebe-se que a maioria dos entrevistados é do sexo

masculino com apenas uma participante do sexo feminino. A idade varia entre 20 a 30 anos e apenas um entre 31 a 40 anos.

Tabela 2 - Tempo de atuação como professor (a) da educação dos participantes da pesquisa.

TEMPO DE ATUAÇÃO NA AREA DA EDUCAÇÃO	QUANTIDADE	%
Entre 10 meses e 10 anos	5	100
Entre 11 anos a 20 anos	0	0
Entre 21 anos a 30 anos	0	0
TOTAL	5	100

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Na tabela 2 foi apresentado o tempo de atuação como professor (a) na educação, observou-se que 100% dos participantes da pesquisa atual entre 10 meses e 10 anos.

Conforme Nunes (2017) os resultados mostraram que a maioria das organizações pesquisadas demonstra atenção ao segmento LGBT, mas que o padrão dos esforços empreendidos pelas empresas e escolas no Brasil revela um caminho que ainda precisa ser mais bem desenvolvido para que a discriminação de gênero e orientação seja de fato minimizada.

Tabela 3 - Escolaridade e Área de Formação dos participantes da pesquisa.

FORMAÇÃO ACADÊMICA	QUANTIDADE	%
Licenciatura Plena em Pedagogia	3	60
Licenciatura Plena em educação Física	1	20
Licenciatura Plena em História	1	20
TOTAL	5	100

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Na tabela 3 pode-se observar que 20% (2/5) dos participantes da pesquisa são Licenciados Plenos em Pedagogia, já 20% (1/5) é licenciado em Educação Física e 17% (1/5) é licenciado pleno em História.

A formação inicial e continuada dos professores para alinhá-las à BNCC. A ação nacional será crucial, já que se trata da esfera que responde pela regulação do ensino superior, nível no qual se prepara grande parte desses profissionais. Diante das evidências sobre a relevância dos professores e demais membros da equipe

escolar para o sucesso dos alunos, essa é uma ação fundamental para a implementação eficaz da BNCC (BNCC, 2017).

Na segunda questão foi perguntado o ponto de vista dos professores no que se refere à visão que a comunidade escolar tem do professor (a) cuja sua orientação sexual é diferente do padrão social. Estes responderam que:

Quadro 1 - O ponto de vista dos professores sobre qual a visão a comunidade escolar tem do professor (a) cuja sua orientação sexual é diferente do padrão social.

PARTICIPANTES DA PESQUISA	RESPOSTAS
P1	As visões são individuais, variando de pessoa para pessoa, Levando em consideração a formação, ética, social, e religiosa de cada indivíduo.
P2	Na comunidade, corpo técnico não senti preconceito. Em relação aos pais, alguns ainda demostram não sentirem segurança no professor Homossexual.
P3	Ainda há grandes barreiras, a comunidade escolar ainda esta presa no paradoxo de igualar a vida profissional com a vida particular e a interferência é maior quando o fator é a homossexualidade.
P4	A relação escola e comunidade é um fato social que deve ser tratado com mais seriedade pelos profissionais em educação, ainda mais quando se fala do professor (a) com sexo diferente.
P5	Essa classe ainda é muito desacreditada e a meu ver isso se da pela cultura do preconceito que ainda é muito presente.

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Análise: Observa-se que os professores possuem uma linha de pensamento particularmente igual referente à pergunta, salienta-se que estes sentem certo preconceito principalmente no quesito família dos alunos e das instituições na qual trabalham, as variações de visões são diferentes dependendo do indivíduo segundo os entrevistados, tento em vista que muitos têm formação religiosa, cultural e social diferentes, portanto as maneiras de pensamento da comunidade escolar como um todo é variável.

A partir das relações entre professores alunos e comunidade escolar que se estabelecem em diferentes espaços de formação do sujeito trazendo à tona as diferenciações entre ambos, inclusive na escola, que a identidade de gênero se constitui através desse processo, inevitavelmente, ocorre na articulação com outras representações, tornando instituições como a escola lócus onde as divisões de raça,

classe, etnia, sexualidade e gêneros se apresentam implicadas e historicamente afirmadas (BRITO, 2014).

Na questão seguinte foi questionado se o professor (a) que assume sua orientação sexual ou identidade de gênero sofrem algum preconceito ou discriminação no convívio escolar. Estes disseram que:

Quadro 2 - O professor (a) que assume sua orientação sexual ou identidade de gênero sofrem algum preconceito ou discriminação no convívio escolar?

PARTICIPANTES DA PESQUISA	RESPOSTAS
P1	Sim, pois todos estamos sujeitos à sofrer discriminação, independente do motivo. Porém, a pessoa que assume sua homossexualidade ou identidade de gênero deve estar sempre preparada para enfrentar certas barreiras, já que muitas pessoas tem um preconceito absurdo.
P2	O preconceito está inteiro na sociedade. No entanto não senti discriminação no meu ambiente de trabalho por ser educação infantil e eles serem receptíveis.
P3	Sim, com toda certeza. Porque tanto a escola como família tem uma crença diferente da nossa, em com isso eles (as) acabam se afastando de projetos, reuniões que a escola põe devido a nossa sexualidade e aí entra o preconceito.
P4	Sim. O preconceito sempre irá existir, mesmo que mascarado, é natural do ser humano.
P5	Sim, mostrar ser diferente sempre traz consequências principalmente no meio educacional onde a sociedade exige que o professor seja exemplo de tudo que consideram correto.

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Análise: Nota-se que os professores participantes da pesquisa sentem um estranhamento vindo de algumas partes do convívio escolar observa-se que nem sempre as demonstrações de preconceitos são visíveis às outras pessoas que estão no âmbito escolar, porém, segundo os entrevistados há algumas situações na qual passam que sentem a descriminação, sejam pela sua orientação ou identidade de gênero, até mesmo pela sua aparência modo de falar, agir, vestir e etc.

De acordo com Brito (2014) o preconceito por religião, raça, cor de pele, orientação sexual e entre outros, são vivenciados todos os dias por milhares de pessoas, ainda que se vista de maneira natural por muitas instituições, é algo muito

relativo que necessita de uma atenção especial, as diferenças de culturas é algo que inevitavelmente não poder ser colocado de lado e sim discutidos cada vez mais pelas instituições, buscando sempre um bom convívio entre pessoas que são diferentes umas das outras.

Na questão quatro, os professores foram questionados de como a sociedade percebe o professor com orientação sexual diferente do padrão social. Estes responderam que:

Quadro 3 - Como a sociedade percebe o professor com orientação sexual diferente do padrão social.

PARTICIPANTES DA PESQUISA	RESPOSTAS
P1	Normalmente, já que a opção sexual não envolve e nem pode se misturar ao profissionalismo.
P2	Devido o preconceito com a orientação sexual por parte da sociedade, ainda a uma insegurança com o professor homossexual.
P3	Muitas das vezes pela vestimenta do professor (a), no falar, no andar.
P4	Muitas vezes pelo comportamento espalhafatoso. Exigimos respeito e também devemos respeito. Muitas vezes nossas atitudes levam a tal posicionamento.
P5	A sociedade não em modo geral, mas boa parte dela ainda é retumbante quanto a essas questões.

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Análise: Conforme as respostas dos professores percebe-se que a sociedade ainda possui pensamentos retrógrados no que diz respeito a professores homoafetivos, dando ao entender que a orientação sexual interfere no modo em que professor (a) conduzira sua prática docente. Vale ressaltar que o P2 relatou que muitas famílias tem receio de entregar o processo de ensino-aprendizagem nas mãos de professores homoafetivos.

A questão de gênero no ambiente escolar precisa urgentemente sair das partes escondidas do ambiente escolar, e tomar uma proporção da qual merece ser tomada. A necessidade de falar das diferenças e de extrema importância, pois a falta de informação e de pessoas leigas a tal assunto remete a preconceitos e até mesmo atrocidades cometidas contra estas pessoas sejam alunos ou professores que tem a identidade de gênero diferente das demais pessoas (ALMEIDA, 2016).

Na questão seguinte os professores foram solicitados a darem sua opinião referente às dificuldades enfrentadas pelo professor (a) cuja sua orientação sexual não está de acordo com padrão social.

Quadro 4 - Opinião referente às dificuldades enfrentadas pelo professor (a) cuja sua orientação sexual não está de acordo com padrão social.

PARTICIPANTES DA PESQUISA	RESPOSTAS
P1	O preconceito por parte de alguns pais ou até mesmo por colegas de trabalho.
P2	As dificuldades encontradas são: a falta de uma disciplina na grade curricular onde o professor homossexual possa falar abertamente sobre o assunto com os alunos.
P3	A sexualidade tem seu início com o nascimento, então o indivíduo se desenvolve durante toda sua vida, onde ele vai descobrir seu modo de vida na sociedade.
P4	A conquista da confiança dos colegas de trabalho para com ele.
P5	Entre todos o maior deles é o desrespeito, as pessoas olham primeiro para a sexualidade e esquecem que isso não impede de ser um bom profissional.

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Análise: conforme os participantes da pesquisa, as barreiras são constantes no cotidiano escolar, pois a comunidade escolar assim como a sociedade como um todo se esquecem de olhar para o lado profissional e optam por julgar esses indivíduos pela sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Evidencia-se também, que o P2 enfatizou a importância que tem da grade curricular se expandir atribuindo novas disciplinas que possam dar liberdade para professores trazerem para o âmbito escolar temas com a sexualidade, orientação sexual, identidade de gênero e etc.

Com base nessa concepção Almeida (2016) fala que não se trata de algo a ser imposto nem combatido e sim dialogado, longe do tradicionalismo e de dogmas religiosos, não levantando nenhuma bandeira, mas buscando a disseminação de informação clara e construtiva.

Na questão seis os professores foram questionados se em algum momento o seu trabalho como docente foi associado a sua orientação sexual com as suas atividades pedagógicas. Estes disseram que:

Quadro 5 - Se em algum momento o seu trabalho como docente foi associado a sua orientação sexual com as suas atividades pedagógicas.

PARTICIPANTES DA PESQUISA	RESPOSTAS
P1	Não
P2	Não, pois as atividades eram elaboradas pela professora titular e desenvolvida por ambos.
P3	Muitas das vezes sim e outras não, sempre quando tem os encontros pedagógicos nas escolas, quase não se fala nesse assunto.
P4	Infelizmente sim, Quando comecei a lecionar eu fui trabalhar o conteúdo "dança". Alguns colegas e até mesmo alunos diziam quer era "Boioloce".
P5	Sim, houveram momentos em que pais de alunos não souberam diferenciar e/ou separar meu trabalho da minha sexualidade.

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Análise: Constatou-se que esses profissionais em algum momento de suas práticas docentes tiveram seu profissionalismo associado a sua vida sexual, o que de fato ocorre periodicamente conforme os entrevistados, é importante frisar no relato do P3 na qual falou que essa temática quase nunca é falado ou debatido nos encontros pedagógicos que acontecem nas escolas, o que deveria se repensado pois é de muita relevância abranger esses assuntos no âmbito escolar.

A educação no Brasil tem muito a crescer mediante as estas questões, a partir do momento em que as instituições olharem mais a fundo e perceberem, pois as pessoas sabendo lidar com diferenças levando informação aos seus ouvintes e buscando a igualdade no ambiente educacional, essas questões vão passar a ser ouvidas e esclarecidas tendo assim uma visibilidade que ainda não tem (OLIVEIRA, 2016).

Na questão sete, os professore foram questionados se a escola desenvolve alguma atividade acerca da compreensão e o respeito da diversidade relacionada à orientação sexual. Estes responderam que:

Quadro 6 - Se a escola desenvolve alguma atividade acerca da compreensão e o respeito da diversidade relacionada à orientação sexual.

PARTICIPANTES DA PESQUISA	RESPOSTAS
P1	Não, por se tratar de um âmbito escolar infantil.
P2	Não, pois não está na grade curricular da educação infantil.
P3	Sim, principalmente nas aulas de religião nas palestras feita nas escolas.
P4	Sim, principalmente eu procuro trabalhar isso nas minhas aulas e projetos.
P5	Não.

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Análise: Perante os relatos dos entrevistados, nota-se que é variável as metodologias adotadas a cada instituição de ensino, umas instituições tem seus projetos que abordam essa temática e outras não, uma curiosidade relevante falada pelo P4 é o método que cada professor pode adotar no seu trabalho docente, podendo de alguma forma levar essa pauta para dentro da sala de aula, pois cada professor pode de alguma forma buscar metodologias que abordem temas voltados a diversidade buscando assim uma compreensão do seu alunado.

Observa-se que há dificuldades para se trabalhar certos temas dentro da escola, como o gênero, pois pode ocasionar opiniões divergentes e até mesmo o risco de exposição de algum aluno, portanto é de suma importância saber que o papel do professor perante a questão de gênero é altamente insubstituível, pois é ele que consegue subsidiar a construção de pensamentos e relações entre os alunos (LEAL, 2017).

Tendo em vista que perante uma classe escolar, o docente encontrará também uma vasta diversidade trazida por cada um que ali estão o que dificulta mais ainda o seu trabalho, pois cada pessoa tem seus costumes, religiões, crenças que carregam das gerações da qual pertencem. O que não os impendem do docente exercer o seu trabalho frente à comunidade escolar, buscando sempre o respeito enfatizando a importância da tolerância ao indivíduo que não pertence ao padrão normativo, mostrando que esses indivíduos são pessoas normais como todas as outras é que merecem respeito e oportunidades (SANTANA, 2017).

Na questão oito, ao serem questionados se em seu ambiente de trabalho eles poderiam falar abertamente sobre sua orientação sexual, eles responderam que:

Quadro 7 - Se em seu ambiente de trabalho eles poderiam falar abertamente sobre sua orientação sexual.

PARTICIPANTES DA PESQUISA	RESPOSTAS
P1	SIM
P2	Com o corpo técnico sim, com os alunos não, por não ter uma capacitação sobre o assunto.
P3	Bom, quando se trata em desrespeito a mim, ou a outros colegas, ou alunos, sim.
P4	No âmbito entre os colegas sim.
P5	Em conversar informais com outros colegas sim, na sala de aula não é aconselhável.

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Análise: Partindo desse princípio, nota-se conforme as respostas dos participantes da pesquisa que a opção de falar abertamente sobre sua orientação sexual é relativamente pessoal, cabe a cada professor (a) a decisão de falar ou não sobre sua vida pessoal, tendo em vista alguns falam apenas com quem se sentem a vontade e outro optam por não explanarem sua vida pessoal no ambiente de trabalho.

Segundo Molina (2011), amar alguém do mesmo sexo entregar-se à dor e à delícia de sentir-se apaixonado como em qualquer relacionamento no qual se cria laços de ternura, torna-se mais difícil para os homossexuais e se torna mais difícil ainda quando se trata de professores, uma vez que os riscos do encontro e desencontro de amar alguém simbolizam romper com o mundo sociocultural que os indivíduos estão inseridos.

Na nona questão os entrevistados deram suas respectivas opiniões no que a escola pode fazer para amenizar o preconceito e intolerância contra professores foram do padrão social.

Quadro 8 – Opinião dos professores no que a escola pode fazer para amenizar o preconceito e intolerância contra professores foram do padrão social.

PARTICIPANTES DA PESQUISA	RESPOSTAS
P1	Estabelecendo visões e dinâmicas que mostrem como o preconceito é uma atitude vazia e prejudica quem esta sendo alvo.
P2	Pode ser feito, palestras como (todo) o corpo escolar e não escolar. Para tirar algumas duvidas sobre o assunto.
P3	Para a escola ser diversa, de qualidade para todos, ela precisa combater o ódio inveja e o preconceito.
P4	Promover capacitações, ou melhor, palestras sobre a diversidade sexual tanto para os alunos quanto para os próprios docentes. E um trabalho de "formiguinha", mas tenhamos confiança que da certo.
P5	A escola pode conscientizar, esse é o papel da escola, respeitar, tolerar, saber lidar são coisas que se aprende em casa.

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Análise: Diante das respostas dos participantes, nota-se que todos eles possuem o mesmo raciocínio referente a combater o preconceito nas escolas, pois através da informação por meio de palestras, projetos pedagógicos envolvendo essa temática ira minimizar as atitudes de intolerância e preconceitos passadas por esses profissionais.

É comum depararmos com situações preconceituosas relacionadas às manifestações da sexualidade no interior da escola. E mais mascarado quando o próprio professor der visibilidade a sua identidade homossexual perante a comunidade escolar, onde a própria escola está ligada sempre na construção das desigualdades, da homofobia e do sexíssimo (SILVA, 2006, p.4).

De acordo com Santos (2008) a diversidade existe antes mesmo de começarem a pensar na possibilidade de falar e debater sobre esses assuntos, portanto, a partir de alguns anos, a sociedade começou a perceber o quanto e importante trazer para o âmbito escolar temas voltados a diversidade como um todo.

Na penúltima questão os participantes foram questionados sobre qual o comportamento do aluno com o professor (a) que é homoafetivo eles responderam que:

Quadro 9 - Qual o comportamento do aluno com o professor (a) que é homoafetivo.

PARTICIPANTES DA PESQUISA	RESPOSTAS
P1	Depende da forma de como ele encara esta condição, Mas é de fundamental importância frisar sempre o respeito entre todos.
P2	Normal, pois não tive problemas com os alunos. Acredito que o preconceito está nos pais quando não ensinam aos filhos o respeito.
P3	/cauteloso, pois o professor recebe alunos de cada etapa, etnias, crenças diferentes, para lidar com as diferentes expressões de afeto, sem dar tratamento diferenciado a ninguém.
P4	É muito relativo alguns gostam e se sentem bem e outros já são mais grosseiros. Porém é essencial mantermos o controle diante de quaisquer situações.
P5	O aluno se comporta de acordo com a forma que o professor se empoe. Não posso exigir respeito se eu não respeitar.

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Análise: Observa-se através das respostas dos participantes da pesquisa que, os comportamentos variam conforme a vivência de cada aluno, pois se notou que cada aluno possui sua particularidade podendo elas ser positivas ou negativas, cada aluno possuem suas percepções relacionadas a esses assuntos, vale ressaltar que o P5 enfatizou que a relação entre professor e aluno depende da forma de como o professor irá conduzir sua aula, impondo respeito, mas também respeitando seus alunos.

As diferenças podem está presente em uma escola de diversas maneiras, sejam elas culturais, religiosas, físicas, gênero e entre outras, saber conviver com essas diferenças de certo ponto é muito fácil, apenas tratando toda a comunidade escola igualmente, porém sempre atento nas especificidades de cada aluno, naturalizando o convívio e troca de experiências entre todos que estão no âmbito escolar (COSTA, 2014).

Por fim os professores foram questionados sobre qual o relacionamento e visão dos pais com o professor (a) que é homoafetivo, e se eles percebem algum preconceito ou dificuldade de aceitação. Estes disseram que:

Quadro 10 - Qual o relacionamento e visão dos pais com o professor (a) que é homoafetivo, e se eles percebem algum preconceito ou dificuldade de aceitação.

PARTICIPANTES DA PESQUISA	RESPOSTAS
P1	Todos tem percepções muito negativas sobre diversos assuntos. É valido que algumas pessoas são preconceituosas si, por outro lado existem aquelas que aceitam e respeitam a homossexualidade como um fator comum sem interferir na relação com o próximo.
P2	Como citado a cima alguns pais devido o preconceito até na sociedade. Ainda a uma insegurança por parte de alguns.
P3	Durante meu trabalhos nas escolas atuais não, já nas outras logo quando comecei meu trabalho sim, mas logo fui me acostumando e pegando amizade e carinho dos pais. E tudo ficou normal pra mim até hoje, sem preconceito dos pais.
P4	Sim. Geralmente quando se trata de pais cujo possuem dogmas religiosos, principalmente evangélicos. Eles colocam empecilhos.
P5	Alguns pais mostram-se muito preocupados com essas situações, a maioria tem medo de que filhos sejam influenciados de alguma forma, esses preconceitos acaba quando o professor por meio do seu trabalho mostra que as coisas podem ser diferente.

Fonte: Elaborado pelo autor do trabalho (2021).

Análise: Nota-se que uma das maiores barreiras enfrentadas pelo professor homoafetivo vem através da família, principalmente as famílias que possuem dogmas religiosos, pois elas possuem pensamentos retrógrados a respeito de professores homoafetivos, assim como outros pais que não possuem religiosidades, mas que não confiam no trabalho dos professores fora do padrão social. Portanto se observou que uma boa parte aceita e respeitam as diferenças colocando a frente o profissional de cada professor (a).

Destaque-se que a escola ainda vive uma realidade na qual o foi herdada pela educação tradicionalista, onde a heteronormatividade ainda domina os espaços, por isso há dificuldade de aceitação entre a comunidade escolar e esses professores, pois conforme os pensamentos enraizados, o indivíduo que burla esses padrões tendem a perde a credibilidade de viver em sociedade com os demais. (OLIVEIRA, 2014).

Perante a entrevista com os professores, pode-se observar que as diferenças ainda trazem controvérsias para sala de aula, portanto isso ainda há tempo de ser mudado, pois através das respostas dos entrevistados percebeu-se que a informação e educação e base para se viver bem em sociedade, e somente ela fará com que o preconceito e intolerância não sejam mais vistos no âmbito educacional. Vale ressaltar que esses decentes possuem suas capacidades para exercer a

prática docente no âmbito escolar, então é de suma importância que suas capacidades intelectuais sejam respeitadas a cima de qualquer fator que possa interferir no seu trabalho docente, por isso á relevância de levar informações para âmbito escolar, pois isso trará a total consciência que esses indivíduos tem em mão os conhecimentos necessários para ser passados adiante.

3.4 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Durante a execução dessa pesquisa ficou evidente a necessidade de levar informações referentes à compreensão da diversidade humana, sugerindo-se feiras com exposições de trabalhos produzidos por alunos sobre diversidade humana, relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual de professores(as) pertencentes a classe LGBTQIA+, pois tento em vista que, apenas as informações referentes esses assuntos vão sessar os pensamentos retrógrados e errôneos a respeito da diversidade sexual e de gênero. Nesse sentido, certifica-se que ser professor (a) homoafetivo é algo totalmente desafiador, pois se trata de ser o realmente se é, o que gera incomodo a algumas partes da sociedade como um todo.

Sendo assim, há uma relevância muito grande em levar essa temática para dentro das escolas, colocando em pauta as questões importantes a serem discutidas do convivo escolar, amparando e assegurando a segurança física e psicológica desses docentes.

Outra sugestão seria realizar periodicamente palestras com profissionais capacitados, até mesmo por professores pertencentes à comunidade LGBTQIA+ abordando os assuntos, mostrando e definindo as especificidades que cada indivíduo tem. Assim, por meio dessas intervenções os professores que carregam essas diferenças poderiam sentir-se mais acolhidos pela comunidade escolar, assim como a comunidade se situaria sobre toda a temática envolvendo essas diferenças.

Portanto, entende-se que são inúmeros desafios que o docente que tem sua orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos demais profissionais carrega consigo, por não fazer parte de um padrão social e histórico, encarando todos os preconceitos e as desigualdades que são comuns na sociedade. Diante desse estudo compreende-se que apenas a informação, diálogo e discussões sobre os referidos assuntos irão mudar as vivências desses docentes.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa abordou concepções acerca da identidade de gênero e orientação sexual referente a professores (as) homoafetivos, amparadas em fundamentos teóricos. Discorreu-se também sobre a importância de conhecer a diversidade humana esclarecendo as diferenças desses professores.

Nesse sentido, este trabalho de conclusão de curso objetivou relacionar teoria e vivência desses docentes em escolas do município de Jacareacanga-PA e as demais escolas localizadas nas aldeias do município. Assim, também entrevistar esses professores para saber dos desafios e vivenciadas pelos mesmos.

A partir das entrevistas realizadas se compreendeu que os docentes homoafetivos passam por várias situações no âmbito educacional, que ocasionam traumas e inseguranças referentes ao trabalho docente. Outro ponto importantíssimo que foi observado é a necessidade de levar informações e debates acerca da temática abordada.

Evidentemente a falta de oportunidade para estes profissionais é de extrema constância, o que gera preocupação e tristeza, visto que profissionais que se capacitaram para a atuação da docência estão parados no tempo, pois o preconceito e intolerância da sociedade impede que esta função seja atribuída a estes indivíduos.

Ressalta-se que a falta de oportunidade para os profissionais que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ é de muita relevância e um caso a ser discutido. pois, estes profissionais, assim como qualquer outro docente, tem a capacidade de exercer com êxito o trabalho de docente.

Assim, conclui-se que pessoas são pessoas, independente do seu gênero, raça, cor, religião, classe social ou cultura. Todos os indivíduos merecem um lugar na sociedade, todo cidadão tem direito a ser o que quiser ser, sendo respeitado (a) e não deixado a mercê da sociedade preconceituosa e conservadora. Todos tem direito a vida.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Stéfanie Alcântara De. **EDUCAÇÃO E GÊNERO: ABORDAGENS E CONCEITOS EM TRÊS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO NA CIDADE DE NATAL.** Disponível em: https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3762/6/Educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20g%C3%AAnero%20%20abordagens%20e%20conceitos_Monografia_2016.pdf. Acesso: 04 de fev. de 2020 às 20:02h.

BNCC. **Base Nacional Comum Curricular.** 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso: 05 de fev. de 2021 às 14h.

BRITO, Sônia Maria de Souza. **GÊNERO, EDUCAÇÃO E PODER: A PRESUMIDA IGUALDADE E A FABRICAÇÃO DAS DIFERENÇAS NO ESPAÇO ESCOLAR.** Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/597/642>. Acesso em: 01/04/2020 às 20h52min.

COLLING, Leandro. **GÊNERO E SEXUALIDADE NA ATUALIDADE.** Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/430946/2/eBook_%20Genero_e_Sexualidade_na_Atualidade_UFBA.pdf. Acesso em: 19 de set. de 2020 às 15h23min.

COSTA, Eliane Cristina da. **A DIVERSIDADE NA ESCOLA: IDENTIFICANDO E TRABALHANDO COM OS FATORES QUE GERAM “EXCLUSÕES”.** Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_gestao_artigo_eliane_cristina_da_costa.pdf. Acesso em: 20 de jul. de 2020 às 17h37min.

CRUZ, Cristina Juvenal da. **A DIFERENÇA E A DIVERSIDADE NA EDUCAÇÃO.** Disponível em: <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/articloe/viewFile/38/20>. Acesso em: 22/07/2020 às 18:17h.

DIAS, Adelaide Alves. **A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO DA CULTURA EM DIREITOS HUMANOS.** Disponível em: http://www.dhnet.org.br/dados/cursos/edh/redh/04/4_3_adelaide.pdf. Acesso: 18 de fev. 2020 às 18:07h.

FURLANI, Jimena. **SALTO PARA O FUTURO EDUCAÇÃO PARA A IGUALDADE DE GÊNERO.** Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/cadernos_tematicos/salto_futuro_educacao_igualdade_genero.pdf. Acesso em: 08 de out. de 2020 às 21:30h.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIUST, Andressa. **DISCRIMINAÇÃO HOMOSSEXUAL NAS RELAÇÕES DE TRABALHO**. Disponível em: <https://www.unicuritiba.edu.br/images/tcc/2018/dir/ANDRESSA-GIUSTI.pdf>. Acesso: 04/08/2020 às 20h51min.

GONÇALVES, Marllon Caceres. **IDENTIDADE DOCENTE: A HOMOSSEXUALIDADE NAS RELAÇÕES ESCOLARES**. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/24483_12693.pdf. Acesso: 09 de jul. de 2020 às 18:31h.

HOLANDA, Marília Lima de. **O PAPEL DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES**. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/download/20371/13540>. Acesso em: 27 de jul. 2020 às 21:43h.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1996.

LEAL, Nathalia Costa. **A QUESTÃO DE GÊNERO NO CONTEXTO ESCOLAR**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v32n87/06.pdf>. Acesso em: 04 de abril de 2020 às 21:45h.

MASSO, Maria Candida Soares Del. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/179643/1/unesp-nead_reei1_ee_d08_tc.pdf. Acesso: 02/02/2021 às 13:56h.

MATOS, Jhonata da Cruz. **ATUAÇÃO DA ESCOLA NA EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES: Uma revisão integrativa**. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5555893.pdf>. Acesso em: 27 de jul. de 2020 às 22:21h.

MELO, Talita Graziela Reais. **IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: PERSPECTIVAS LITERÁRIAS**. Disponível em: <http://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/09/18321.pdf>. Acesso: 17 de mar. de 2020 às 19h33min.

MOLINA, Luana Pagano Peres. **PROFESSORES HOMOSSEXUAIS: SUAS VIVÊNCIAS FRENTE À COMUNIDADE ESCOLAR**. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5392/4316>. Acesso em: 09 de jul. de 2020 às 17:50h.

NOGUEIRA, Daniela Macias. **GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO**. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/2.DanielaNogueira.pdf>. Acesso em: 08 de out. de 2020 às 20:44h.

NUNES, Raul da Silva. **HOMOSSEXUALIDADE E AMBIENTE DE TRABALHO**. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18091/1/2017_RaulDaSilvaNunes_tcc.pdf. Acesso em: 04 de ago. de 2020 às 20:29h.

OLIVEIRA, Garagnani de Oliveira. **GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DA DIVERSIDADE SEXUAL**. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_hist_ufpr_lucianagaragnani.pdf. Acesso em: 18 de fev. 2020 às 18:18h.

OLIVEIRA, Maria Do Carmo Almeida de. **HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA: Discursos que emergem em uma escola pública da cidade de Sumé-PB**. Disponível em: http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/9329/1/PDF_%20-%20MARIA%20DO%20CARMO%20ALMEIDA%20DE%20OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 08 de out. de 2020 às 21:06h.

PEREIRA, Graziela Raupp. **DIREITO FUNDAMENTAL À EDUCAÇÃO. DIVERSIDADE E HOMOFOBIA NA ESCOLA: desafios à construção de um ambiente de aprendizado livre, plural e democrático**. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a05.pdf>. Acesso em: 09 de jul. de 2020 às 19:32h.

PMEJ. **Plano Municipal de Educação de Jacareacanga**. Disponível em: https://camarajacareacanga.pa.gov.br/arquivos/32/_0000001.pdf. Acesso em: 05 de fev. de 2021 às 21h.

RABELO, Amanda Oliveira Rabelo. **PROFESSORES DESCRIMINADOS: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental**. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18091/1/2017_RaulDaSilvaNunes_tcc.pdf. Acesso em: 04 de ago. de 2020 às 20h40min.

SANTANA, Déborah Alves de. **E QUANDO O ESTRANHO É O PROFESSOR? ESTRATÉGIA IDENTITÁRIA DOS DOCENTES HOMOSSEXUAIS NO AMBIENTE DE TRABALHO**. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/recursos/anais/1499444010_ARQUIVO_Artigopronto.pdf. Acesso em: 18 de jan. de 2020 às 14:45h.

SANTOS, Ivone Aparecida dos. **EDUCAÇÃO PARA A DIVERSIDADE: uma prática a ser construída na Educação Básica**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2346-6.pdf>. Acesso em: 20 de jul. de 2020 às 17:37h.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Geraldo Alves. **RESGATANDO VALORES: Jacareacanga um futuro promissor**. Jacareacanga, 2012.

SILVA, Karla Firmino da. **PEDAGOGIA DA SEXUALIDADE: O PAPEL DO PROFESSOR**. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/4317/1/KFS22112016.pdf>. Acesso em: 27 de jul. de 2020 às 22:28h.

SILVINO, Dariana Maria. **A IMPORTÂNCIA DA DISCUSSÃO DE GÊNERO NAS ESCOLAS: uma abordagem necessária.** Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/aimportanciadadiscussaodegeneronasescolasumaabordagemnecessaria.pdf>. Acesso em: 06/04/2020 às 22:50h.

VASCONCELOS, Michele de Freitas Faria de. **GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: ENTRE IGUALDADES E DIVERSIDADES, A DIFERENÇA.** Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/viewFile/6787/pdf>. Acesso em: 18 de fev. 2020 às 16:37h.

APÊNDICE - QUESTIONÁRIO AO PROFESSOR



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA - LTDA FACULDADE DE ITAITUBA – FAI CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Este questionário tem como finalidade contribuir para o Trabalho de Conclusão de Curso – TCC intitulado: VIVÊNCIAS DE DOCENTES HOMOAFETIVOS NO AMBIENTE ESCOLAR: um estudo no município de Jacareacanga – PA

1. Perfil e Identificação do Entrevistado:

- a) – Sexo: Feminino () Masculino ()
- b) – Escolaridade/ Área de Formação: _____
- c) – Tempo de atuação como professor da educação: _____
- d) – Idade: _____
- e) Nº de alunos da turma em que atua: _____

2. Em seu ponto de vista, qual é a visão que a comunidade escolar tem do professor(a) cuja a sua orientação sexual e diferente do padrão social?

3. O Professor (a) que assume sua orientação sexual ou identidade de gênero sofre algum preconceito ou discriminação no convívio escolar? Comente sobre isso.

4. Como a sociedade percebe o professor com a orientação sexual diferente do padrão social?

5. Em sua opinião qual as dificuldades enfrentadas pelo professor (a) cuja sua orientação sexual não está de acordo com o padrão social ?

6. Em algum momento o seu trabalho como docente foi associado a sua orientação sexual com as suas atividades pedagógicas?

7. A escola em que trabalha desenvolve alguma atividade acerca da compreensão e o respeito da diversidade relacionada à orientação sexual?

8. No seu ambiente de trabalho você pode falar abertamente sobre sua orientação sexual?

9. Em sua opinião o que a escola pode fazer para amenizar o preconceito e intolerância contra professores fora do padrão social?

10. Qual o comportamento do aluno com o professor(a) que é homoafetivo?

11. Qual o relacionamento e visão dos pais com o professor (a) que é homoafetivo? Você percebe algum preconceito ou dificuldade de aceitação?

Agradecemos sua contribuição nessa pesquisa!